



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

RANIERE MARQUES DE MELO

**A VALORAÇÃO EM *MEMES*: UM ESTUDO DIALÓGICO NO CAMPO DA
COMUNICAÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO**

JOÃO PESSOA - PB

2018

RANIERE MARQUES DE MELO

**A VALORAÇÃO EM MEMES: UM ESTUDO DIALÓGICO NO CAMPO DA
COMUNICAÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING – da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Campus I, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida

JOÃO PESSOA - PB

2018

M528v Melo, Raniere Marques de.

A valoração em memes: um estudo dialógico no campo da comunicação do discurso religioso / Raniere Marques de Melo. - João Pessoa, 2018.

91 f. : il.

Orientação: Maria de Fátima Almeida.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística. 2. Discurso religioso. 3. Valoração em memes. I. Almeida, Maria de Fátima. II. Título.

UFPB/BC

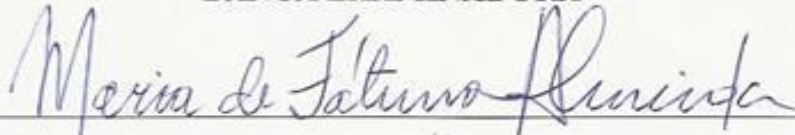
RANIERE MARQUES DE MELO

**A VALORAÇÃO EM MEMES: UM ESTUDO DIALÓGICO NO CAMPO DA
COMUNICAÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING – da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Campus I, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 20 de fevereiro de 2018

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida (UFPB/CCHLA/PROLING)

Orientadora/Presidente



Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos (UEPB)

Examinadora externa



Prof. Dr. Pedro Farias Francelino (UFPB/CCHLA/PROLING)

Examinador interno

DEDICO

A Deus, pois Ele é a minha esperança, a minha confiança desde a minha mocidade. Nele tenho sido sustentado desde o ventre. Ele é aquele que me tirou das entranhas de minha mãe; o meu louvor será para Ele constantemente (Salmos 71:5,6).

A minha família, presente de Deus!

A Mari, companheira inseparável; a Sophia, pelo carinho e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao Senhor Deus, pois, de modo maravilhoso e gracioso, alcançou-me e me deu a vida. Ele firmou os meus pés sobre a Rocha. Permitiu que eu escrevesse esta história. Tudo vem e volta para Ti, Senhor! Recebe, pois!

Aos meus queridos e preciosos pais, Silvia e Reginaldo, pelo exemplo de caráter, de humildade. A eles, feirantes, que levantam às 5h da manhã para gerar o sustento financeiro dos filhos, agradeço. Em especial, à mainha, pois me sustentou no início da graduação com xerox e livros; ao meu pai, porque sempre muito orgulhoso, mostrava-me aos seus colegas ressaltando os meus desafios.

À esposa da minha alma, à mãe das minhas filhas, Sophia e Ester (ainda na barriga), agradeço pelos momentos de paciência, pelos dias fora de casa, pelas palavras de ânimo e de incentivo. A sua compreensão e motivação foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Eu te amo! A Sophia, que mais à frente, irá entender minhas ausências, minhas horas na frente do computador. Minha filha, esse esforço é para você!

Ao Sr. Edimar, sogro e pai, pelo apoio, incentivo; à D. Vera, minha sogra e mãe, pela ajuda, pelas Palavras de Deus; à Germana, minha cunhada, pela força, por ter nos ajudado, pegando Sophia na escola; à Juliana, minha cunhada, pelas tardes de passeios com minha filha. A todos os meus mais sinceros agradecimentos.

Aos meus irmãos, Deborah, Danúbia e Samuel, pelas palavras fortalecedoras. Vocês são a garantia de boas risadas, de refeições regadas com alegria. Por extensão, a Majda, minha cunhada; também, aos meus sobrinhos, Isaque e Bernardo, pelas demonstrações de carinho.

À profa. Dra. Maria de Fátima, mais do que uma orientadora, por me acolher tão bem, por me mostrar que alegria, humanidade e leveza ainda são imprescindíveis no espaço acadêmico. Obrigado por acreditar em mim e na minha proposta e, mais do que isso, oportunizar o crescimento ao teu lado. Obrigado pela paciência e pelo respeito. Sou/serei sempre imensamente grato!

À banca de qualificação, às professoras Eliete e Ester, pelas produtivas contribuições e diálogos profícuos nesse processo. Especificamente, a Ester, com quem tive a oportunidade de aprender, de forma encantadora, sobre Leitura, História da Leitura, em uma das disciplinas do mestrado. Especialmente, à Eliete, uma professora competente e humana, agradeço pelas interlocuções produtivas, pelo diálogo frequentes, por ser sempre muito solícita, pela delicadeza e pelo respeito prestados.

Aos meus amigos do GPLEI, Michel, Ramísio, Fabíola, Wilder, Symone, Janielly e Elias, com quem convivi mais proximamente nestes dois anos, agradeço pelas discussões, pelas trocas significativas, pela parceria. Especialmente a Manassés, que no momento mais difícil de minha vida, levou-me a conhecer outros ares, a desvendar outros horizontes. Obrigado por tudo! Aos professores do Grupo, à Rivaldete, Bernardete, Élcia, Pedro, pelas tardes de discussões sobre a teoria bakhtiniana. Em especial, ao prof. Dr. Pedro Francelino, que, agora, compõe a banca avaliadora no final deste processo. Obrigado pelas palavras de motivação e de reconhecimento. Agradeço-te imensamente!

Aos professores do Proling, com os quais aprendi produtivamente: Maria Ester, Maria de Fátima, Regina Baracuh, Mônica Mano, Erivaldo Nascimento, Camilo Rosa e Jan Edson. Aos funcionários do Programa, Valberto e Ronil, também reitero meus agradecimentos.

Por fim, aos meus diretores, supervisores e coordenadores, pela compreensão por minhas ausências nos exames de qualificação, de defesa final e de seleção do doutorado. Ao prof. Carlos Barbosa (Colégio Motiva), à profa. Sônia Matias (Damas) e à profa. Bernadete Lacerda (Monte Carmelo). Agradeço-lhes imensamente!

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo.

(BAKHTIN, [1979], 2015, p. 410)

RESUMO

No mundo pós-moderno, concebido como líquido e fluido, as redes sociais funcionam como dispositivos repletos de enunciados instituídos de diferentes orientações socioideológicas. Esses enunciados disseminam dadas posições valorativas dos discursos sociais, como o religioso, por exemplo. Enredado nessa ordem, o *meme* virtual pertence a essa complexa rede da comunicação discursiva e, como enunciado concreto, é pleno de apreciações e ocupa o seu lugar no espaço virtual como gênero discursivo, cujas materialidades semióticas e discursivas, por meio de posições axiológicas que expressam determinadas valorações, revelam um dado projeto enunciativo. Diante disso, este trabalho trata do fenômeno da valoração em *memes* cujo tema é discurso religioso, os quais correspondem a um modo particular que as escolhidas comunidades virtuais têm de comparar/associar, de nomear e de valorar alguns líderes neopentecostais brasileiros, mais precisamente os televangelistas Edir Macedo, Valdemiro Santiago, Silas Malafaia, por meio da linguagem. Para isso, partiu-se das seguintes questões de pesquisa: que mecanismos enunciativos da expressividade são mobilizados como estratégias pelos enunciadores nos *memes*, ao tratar do discurso religioso, especificamente ao se reportarem a pastores neopentecostais brasileiros? Quais sentidos são revelados por meio de projetos enunciativos que valoram esses pastores? Com base nisso, objetivou-se analisar, segundo a teoria de Bakhtin e de seu círculo, como os *memes*, enquanto gênero discursivo e enunciado concreto, materializam o discurso religioso, de forma a entender as posições valorativas, as relações dialógicas e os sentidos que emergem. Especificamente, visou-se descrever e analisar o gênero discursivo *meme*, dadas as posições valorativas e as relações dialógicas emergentes, ao se referir a alguns líderes protestantes; analisar os sentidos dos enunciados encontrados nos *memes*, a partir do que eles põem em circulação a respeito dos sujeitos envolvidos; por fim, identificar e analisar os mecanismos e as estratégias discursivas mobilizadas nesse gênero discursivo. Recorre-se ao domínio teórico-metodológico centrado na perspectiva dialógica da linguagem oriunda das reflexões de Bakhtin e do Círculo, bem como os estudos discursivos que se orientam por ela. A pesquisa desenvolvida foi de cunho qualitativo-interpretativista, pautada no método netnográfico, uma vez que descreve, analisa e interpreta os dados recortados do espaço virtual para a leitura dialógica. O *corpus* foi composto por 7 *memes* virtuais que tratavam dos principais pastores neopentecostais brasileiros, em função da regularidade dos mecanismos encontrada e da delimitação da pesquisa. Na etapa que concerne à análise dos dados, realizamos as etapas de coleta, leitura e análise discursiva, a partir dos conceitos teóricos mobilizados. Os resultados apontaram que os enunciados verbo-visuais analisados são repletos de tomada de posição, de tonalidades dialógicas e valorativas que refletem e refratam o posicionamento do enunciador em relação àquilo que anuncia. Em suma, os *memes* analisados têm como traço marcante a valoração de pastores a partir de um ponto de vista negativo, depreciativo. Para cumprir tal efeito, a apreciação expressa pelos mecanismos (comparação/discurso reportado/escolhas lexicais) é regulada por uma referência cruzada para contrapor, assemelhar, ironizar esses sujeitos, em função do discurso sarcástico e humorístico.

Palavras-chave: Valoração. *Memes*. Discurso religioso. Relações dialógicas.

RESUMEN

En el mundo postmoderno, concebido como líquido y fluido, las redes sociales funcionan como dispositivos llenos de enunciados instituidos de diferentes orientaciones socio ideológicos. Eses enunciados diseminan dadas posiciones valorativas de los discursos sociales, como lo religioso, por ejemplo. Envuelto en ese orden, el *meme* virtual pertenece a esa compleja red de la comunicación discursiva y, como enunciado concreto, es pleno de expresividad y ocupa su lugar en el espacio virtual como género discursivo, cuyas materialidades semióticas y discursivas, por medio de posiciones axiológicas que expresan determinadas valoraciones, revelan un dado proyecto enunciativo. Delante de eso, este trabajo trata del fenómeno de la valoración en *memes* cuyo tema es discurso religioso, los cuales corresponden a un modo particular que las elegidas comunidades virtuales tienen de comparar/asociar, de nombrar y de valorar algunos líderes neo pentecostales brasileños, más precisamente, los tele evangelistas Edir Macedo, Valdemiro Santiago, Silas Malafaia, por medio del lenguaje. Eso surgió de los siguientes cuestionamientos de pesquisa: ¿Qué mecanismos enunciativos de la expresividad son movilizados como estrategias por los enunciadores en los memes, al tratar del discurso religioso, específicamente al referirse a los pastores neo pentecostales brasileños? ¿Qué sentidos son revelados por medio de proyectos enunciativos que valoran esos pastores? Basado en eso, se objetivó analizar, según la teoría de Bakhtin y de su círculo, como los memes, como género discursivo y enunciado concreto, materializan el discurso religioso, de manera a entender las posiciones valorativas, las relaciones dialógicas, y los sentidos que surgen. Específicamente, se tuvo como objetivo describir y analizar el género discursivo meme, dadas las posiciones valorativas y las relaciones dialógicas emergentes, al referirse a algunos líderes protestantes; analizar los sentidos de los enunciados encontrados en los memes, a partir de lo que ellos evidencian respecto a los sujetos envueltos; por fin, identificar y analizar los mecanismos y las estrategias discursivas movilizadas en ese género discursivo. Se recurre al dominio teórico metodológico centrado en la perspectiva dialógica del lenguaje proveniente de las reflexiones de Bahktin y del Círculo, así como los estudios discursivos que están orientados por ella. La pesquisa desarrollada fue de ámbito cualitativo interpretativista, basada en el método etnográfico, una vez que describe, analiza e interpreta los datos recortados del espacio virtual para la lectura dialógica. El corpus fue compuesto por 7 memes virtuales que trataban de los principales pastores neo pentecostales brasileños, en función de la regularidad de los mecanismos encontrada y de la delimitación de la pesquisa. En la etapa que concierne al análisis de los datos, realizamos las etapas, de coleta, lectura y análisis discursivo, a partir de los conceptos teóricos movilizadas. Los resultados mostraron que los enunciados verbo visuales analizados son repletos de tomada de posición, de tonalidades dialógicas y valorativas que reflejen el posicionamiento del enunciador respecto a aquello que anuncia. En resumen, tiene como principal marco la valoración de pastores a partir de un punto de vista negativo, despreciativo. Para cumplir tal efecto, la apreciación expresa por los mecanismos (comparación/discurso reportado/escojas lexicales) se regula por una referencia cruzada para contraponer, asemejar, ironizar esos sujetos, en función del discurso sarcástico y humorístico.

Palabras llave: Valoración. *Memos*. Discurso religioso. Relaciones dialógicas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Cadeia de circulação do <i>memes</i>	25
Figura 2	Comunidades do Facebook escolhidas.....	26
Figura 3	Pastores Forbes.....	58
Figura 4	Valdemiro Santiago <i>versus</i> Chico Xavier.....	64
Figura 5	Exorcismo.....	68
Figura 6	Mané Galinha <i>versus</i> Silas Malafaia.....	73
Figura 7	2 Co 11:27.....	77
Figura 8	1 Ts 5:2.....	77
Figura 9	Valdemiro Santiago.....	81
Figura 10	Sabonete da IURD.....	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Comparação entre oração e enunciado.....	45
Quadro 2	Classificação dos <i>memes</i>	59
Quadro 3	Síntese da análise dos dados.....	85

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	Objeto da pesquisa: questões problematizadoras, objetivos e justificativa	15
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	20
2.1	Aspectos metodológicos em ADD.....	20
2.2	Caracterização da pesquisa.....	21
2.3	Considerações sobre o <i>corpus</i>.....	23
2.4	Procedimentos e categorias de análise.....	28
3	ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO E MEMES: REFLEXÕES TEÓRICAS.....	30
3.1	Princípio dialógico da linguagem: questões sobre linguagem, interação e dialogismo.....	30
3.2	O discurso reportado.....	41
3.3	A noção do enunciado concreto: unidade de comunicação discursiva.....	43
3.4	O tom apreciativo em Bakhtin.....	48
3.5	Gêneros do Discurso.....	51
3.6	<i>Meme</i>: gênero discursivo digital.....	55
4	NAS TRAMAS DA COMUNICAÇÃO DISCURSIVA DOS MEMES: O TOM VALORATIVO.....	61
4.1	Tom valorativo expresso através do mecanismo da comparação.....	61
4.2	Tom valorativo expresso através do mecanismo do discurso reportado.....	76
4.3	Tom valorativo expresso através do mecanismo das escolhas lexicais.....	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
	REFERÊNCIAS.....	88

INTRODUÇÃO

[...]

A noção de ESCRITA alargou-se

a TUDO

a QUASE TUDO

porque a escrita é sinônimo de IMAGEM

imagem para se ver

para se ter

para se ser

[...]

(HATHERLY, 2005, p.59)

O mundo Pós-Moderno é concebido, também, a partir das práticas sociais virtuais. É o mundo das complexas “redes” e das “esferas”, por isso não há mais fronteiras para comunicação entre os sujeitos inscritos nessa ordem. Esta foi ressignificada pelos novos espaços, pelos novos suportes, pelos novos modos de ler, de escrever e de interagir no ciberespaço (RECUERO, 2014). Assim sendo, o conceito de virtualização implica em um estilhaçamento da noção de individualidade, já que o mundo virtual é tecido por redes. Com isso, há a emergência do que está na ordem do dia: o “nós” do ciberespaço, da cultura digital, das redes sociais.

Nesse sentido, o termo ciberespaço parece semanticamente restrito ao mundo dos usuários e dos criadores de redes digitais, mas pode ser visto, para Levy (2010, p. 94), como “[...] espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, o que o configura como principal meio de inovação, de comunicação e de interação em relação às antigas técnicas de comunicação, já que possibilita a pluralidade da noção tempo-espaço, a manifestação da velocidade, bem como a virtualização das práticas de leitura e de escrita. Essa emergência do ciberespaço traz à tona a reconfiguração dos processos de interação entre os sujeitos que o produz e utiliza.

Importa-nos, portanto, saber que, atravessadas a esse ciberespaço, há técnicas de comunicação, as quais, por serem frutos de projeto humano, são marcadas por ideias, por táticas de poder, por projetos sociais e por reveses dos sujeitos. Quanto a isso, é pertinente afirmar que o ciberespaço é todo margeado, constituído também por um fenômeno social: as redes sociais na internet. Esse fenômeno se concretiza quando há a união de pessoas e de organizações por meio de uma rede de computadores (GARTON, HAYTHORNTHTHWAITE E

WELLMAN, 1997). Dito de outro modo, essas redes também são chamadas de emergentes, pois consistem em uma forma de arranjo social, em trocas, realizadas pela interação, pela conversação através da mediação do computador. (RECUERO, 2014).

Nessa conjuntura, os textos que circulam no meio virtual, a partir das redes sociais, têm uma linguagem portadora de multisssemiose, pois sinalizam uma produtiva relação com a tecnologia, unindo à palavra, imagens, links, hiperlinks, sons, cores e movimentos. Como fruto dessa articulação, nascem os GIF, hipertextos, as hipermídias, os infográficos, o *meme virtual*, doravante *meme*. O gênero discursivo *meme*¹ circula em algumas redes sociais como *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*, e é evidentemente caracterizado por uma linguagem curta e de leitura rápida, bem como constituído por novas estéticas e por uma hibridização feita com a palavra, a partir de uma junção entre imagens, fotos, frases e os *emoticons*.

Como são de ampla circulação virtual, escolhemos para nosso objeto de pesquisa somente aqueles que circulam no Facebook, uma vez que esta é a maior rede social do mundo com mais de um bilhão de usuários e com participação de 91,6% pessoas com idade entre 25-34 anos, segundo dados da ComScore de dezembro de 2016². Neste trabalho, concebemo-la como suporte, como espaço de circulação do *memes*, como rede social, o que, para Franco (2012, p. 117) funciona como “[...] um processo de socialização, algum tipo de interação coletiva e social, presencial ou virtual, que pressupõe a partilha de informações, conhecimentos, desejos e interesses”.

1.1 Objeto da pesquisa: questões problematizadoras, objetivos e justificativa

Nesta dissertação, tomaremos como objeto de pesquisa o fenômeno da valoração em *memes* cujo tema é o discurso religioso, que correspondem a um modo particular que as escolhidas comunidades virtuais têm de nominalizar, de comparar/equiparar e de valorar por meio da linguagem alguns pastores televangelistas brasileiros. Por se reportar a diferentes temas sociais, escolhemos os memes que são atravessados pelo discurso religioso, mais especificamente aqueles que atribuem significados, valorações aos líderes religiosos Edir Macedo, Valdemiro Santiago e Silas Malafaia, pastores neopentecostais. E isso está na ordem do dia. Portanto, a escolha desse objeto não é aleatória, pois está orientada, *a priori*, por um acontecimento na mídia, que tem espessura histórica e a cada dia se reatualiza: a publicação

¹ Neste trabalho, concebemos o *meme* como gênero discursivo, conforme a teoria de Bakhtin. Retornaremos a essa discussão mais ampla, no capítulo de revisão teórica.

² <https://www.comscore.com>.

de uma matéria jornalística publicada pela revista Forbes no Brasil, em janeiro de 2013³. O discurso produzido por essa matéria caracterizava os pastores supracitados como os mais ricos do Brasil. Isso posto, toda a produção de sentido e apreciações valorativas feitas aos pastores nessa matéria os colocam em um lugar de tensão e conflito social. E esta é a função do analista do discurso: ler, *desler*⁴, analisar e desnaturalizar os discursos que estão nesse lugar social ou que se filiam a esse evento enunciativo.

Na esteira desse raciocínio, esta pesquisa se orienta pelas contribuições da Análise Dialógica do discurso⁵ (doravante, ADD), à luz das contribuições de Bakhtin e de seu Círculo, que concebem o discurso como fruto de uma enunciação, demarcado pelo contexto histórico, social e cultural; como dialógico, porque está para o “outro” e pode ser concebido como “tecido de muitas vozes”, isto é, a vida verbal em movimento. Sob essa ótica, compreendemos que discursos se materializam em *memes*, já que está em circulação no social, promove mediação entre dois sujeitos – aquele que produz e o que lê; ademais, é sempre constituído por uma enunciação, como “projetos de dizer” desses sujeitos enunciadoreis. Assim, verificamos que há, nessa arena de tensão, um “querer-dizer” direcionado aos interlocutores/leitores. Guiado por essa concepção, nosso trabalho, grosso modo, busca compreender os sentidos que esses *memes* põem em circulação nessa interação, bem como compreender os deslocamentos que tal(is) (re)enunciação(ões) produz(em).

Ainda tratando do nosso objeto de pesquisa, pensado a partir dessa conjectura, o discurso religioso é, de fato, um campo rico e produtivo para uma leitura dialógica e discursiva, pois, nesse caso, traz um constante diálogo com as representações sociais de pastores, além de funcionar como um lugar de denúncia às práticas sectárias e até mesmo àquelas de extorsão da fé por meio do dinheiro. Logo, é necessário ir além da superfície aparente da linguagem e extrapolar o já-dito, ler as margens daquilo que está materializado linguisticamente nesses *memes*. No que se refere ao *corpus*, tomaremos 7 *memes*⁶ sob esse recorte, os quais circularam no *Facebook* entre os anos 2016 e 2017, que, de algum modo, referiam-se aos sujeitos pastores mais ricos do Brasil.

Por essas razões, então, que este estudo é imprescindível porque está em interface com o ciberativismo, ou seja, o indivíduo frente à coletividade é dotado de uma potencialidade

³ Para ler a matéria na íntegra, acesse: <<https://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2013/01/17/the-richest-pastors-in-brazil/#4d8ca4705b1e>>.

⁴ A arte de “desler”, na concepção de Demo (2006), significa a habilidade de “contraler”, a autonomia de contrainterpretar, de brigar com o autor. Leitura, nessa concepção, é concebida com gesto.

⁵ Essa nomenclatura, ao longo do texto, pode ser substituída, sem prejuízo semântico, pelo termo *Teoria Dialógica da Linguagem*, por exemplo.

⁶ No capítulo metodológico, justificamos a escolha por essa quantidade.

quando trata de uma prática social religiosa via *internet*, mais especificamente, em *memes*. Outrossim, justifica-se ainda por ser um trabalho relativamente inovador no que diz respeito à sua abordagem teórica e analítica. A esse respeito, fizemos uma revisão sistemática através de pesquisas acadêmicas de Pós-Graduação (*stricto sensu*) acerca dos *memes*, realizada com base em investigações (artigos, dissertações e teses), disponibilizadas no *Banco de Teses* e no *Portal de Periódicos* da Capes, em fevereiro de 2017, tendo como áreas de concentração – Linguística, Linguística Aplicada, Estudos de Linguagem, Linguagem e Linguagem, Cultura e Identidade – e verificamos que, em um recorte temporal de dez anos (2006 a 2016), os *memes* compõem um cenário de pesquisa ainda pouco explorado, o que justifica, de forma produtiva, o nosso interesse de pesquisa e, conseqüentemente, desenvolver um trabalho inovador através da perspectiva bakhtiniana da linguagem.

Nessa pesquisa executada às plataformas mencionadas, utilizamos a busca refinada pelo termo *memes*, por áreas de *conhecimento*, de *avaliação*, de *concentração* congruentes aos Programas de Pós-Graduação de Letras, *Estudos da Linguagem*, e *Linguística*. A partir de apreciação de *abstracts*, encontramos uma quantidade de 6 (seis) dissertações e 1(uma) tese defendidas que tratam os *memes* como objetos, as quais estão organizadas da seguinte forma: 1 (uma) dissertação em 2013; 4 (quatro) dissertações em 2015; 1 (uma) tese em 2015; 1(uma) dissertação defendida em 2016. Porém, intriga-nos saber que apenas uma dissertação considera o *meme* enquanto gênero discursivo, sob uma perspectiva dialógica da linguagem⁷, enquanto as demais estão vinculadas às perspectivas da Linguística Aplicada, ora considerando esse gênero como estratégia de ensino e de aprendizagem, ora sob a perspectiva dos multiletramentos. Nessa busca, também encontramos o referido objeto sendo analisado sob o viés da Análise do Discurso (Pêcheux e/ou Foucault), outras concepções de leituras discursivas. Isso posto, reiteramos nossa interesse de pesquisa.

Diante do que foi exposto até o momento, esta pesquisa está guiada pelos seguintes **questionamentos**, aos quais buscamos responder:

- Que mecanismos enunciativos da expressividade são mobilizados como estratégias discursivas pelos enunciadores nos *memes*, ao tratar do discurso religioso, especificamente ao se reportar a pastores neopentecostais brasileiros?

⁷ LISBOA, LORAINÉ VIDIGAL. **MEMES JURISPRUDENCIAIS NO FACEBOOK DO STJ: A CONSTITUIÇÃO DIALÓGICA DE UM GÊNERO VERBO-VISUAL** 27/04/2015 106 f. Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: Biblioteca Regional Catalão.

- Quais sentidos são revelados por meio de “projetos enunciativos” que valoram esses pastores?

Acerca de tais questionamentos, no que se refere a essa problemática, traçamos para o cumprimento da pesquisa o seguinte **objetivo geral**:

- Analisar, segundo a teoria de Bakhtin e de seu Círculo, como os *memes*, enquanto gênero discursivo e enunciado concreto, materializam o discurso religioso, de forma a entender as posições valorativas, as relações dialógicas e os sentidos que deles emergem.

A fim de alcançarmos nosso objetivo geral, traçamos os seguintes **objetivos específicos**:

- Descrever e analisar o gênero discursivo *meme*, dadas as posições valorativas e as relações dialógicas emergentes, ao se referir a alguns líderes protestantes.
- Analisar os sentidos dos enunciados encontrados nos *memes*, a partir do que eles põem em circulação a respeito dos sujeitos envolvidos.
- Identificar e analisar os mecanismos enunciativos e as estratégias discursivas mobilizadas nesse gênero discursivo.

Com o propósito de responder às questões de pesquisa e atender aos objetivos mencionados acima, esta dissertação está organizada em 5 capítulos, contando com esta introdução.

No segundo capítulo – **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA** –, apontaremos a caracterização da pesquisa, que, de acordo com estudos desenvolvidos, é uma pesquisa *netnográfica*, por estar imersa no mundo virtual. Caracterizamos, também, o campo, o universo e a amostra da pesquisa, bem como o contexto e os critérios de coleta de dados; por último, apresentamos os procedimentos de análise elegidos.

O terceiro capítulo – **ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO E MEMES: REFLEXÕES TEÓRICAS** – apresenta conceitos que orientaram a análise dos dados. Recorremos aos pressupostos teórico-metodológicos a partir da perspectiva dialógica da linguagem oriunda das reflexões de Bakhtin e o Círculo.

O quarto capítulo – Análise do *Corpus* – intitulado **NAS TRAMAS DA COMUNICAÇÃO DISCURSIVA DOS MEMES: O TOM VALORATIVO**, é destinado à análise discursiva dos *memes*, a partir da seguinte categoria analítica: *o tom valorativo*. Em razão da regularidade dos mecanismos encontrados, apresentamos estas categorias, as quais orientarão e organizarão esta seção analítica: **1 Tom valorativo expresso através do mecanismo da comparação; 2 Tom valorativo expresso através do mecanismo do**

discurso reportado e; 3 Tom valorativo expresso através do mecanismo das escolhas lexicais.

Por último, apresentaremos as **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

2 PROCEDIMENTOS METOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, expomos os procedimentos metodológicos aplicados que nos guiaram para a execução desta pesquisa aqui delineada. Assim sendo, esta seção apresenta aspectos metodológicos em ADD. *A priori*, traçamos uma caracterização da investigação como de natureza qualitativo-interpretativista, pautada no método netnográfico; em seguida, apresentamos as considerações sobre o *corpus*, o delineamento da pesquisa e, por último, os procedimentos de análise, os quais, por sua vez, desenharam as categorias de análise estabelecidas no trato dado ao *corpus*.

2.1 Aspectos Metodológicos em ADD

A pesquisa científica, de cunho qualitativo, realizada no âmbito das Ciências Humanas, mais especificamente em interface com as contribuições teóricas de Bakhtin e de seu Círculo, faz insurgir duas dimensões inerentes ao vínculo pesquisador-objeto pesquisado: historicidade e dialogismo. Por essa razão, essa perspectiva estilhaça os modelos reducionistas empiristas de fazer pesquisa, pois leva em conta essas duas dimensões e proporciona esta inversão paradigmática:

[...] passa de uma *interação sujeito-objeto* para uma *relação entre sujeitos*. De uma orientação monológica passa-se a uma perspectiva *dialógica*. Isso muda tudo em relação à pesquisa, uma vez que investigador e investigado são dois sujeitos em interação. O homem não pode ser apenas objeto de uma *explicação* produto de uma só consciência, de um só sujeito, mas deve ser também *compreendido*, processo esse que supõe duas consciências, dois sujeitos, portanto dialógico (FREITAS, 2002, p. 24-25: grifos no original).

Emerge, nessa assertiva acima, uma orientação metodológica centrada nos sujeitos, nos seus entornos sociais, em uma situação individualista, sobretudo, nas suas enunciações, nos seus projetos enunciativos e em seus atos; distancia-se, assim, de uma perspectiva em que o pesquisador, sob uma postura monológica, só depois de uma exaustiva contemplação do objeto, sente-se capaz para falar *sobre ele, dele*. Contudo, em decorrência dessa mudança, a orientação metodológica que utilizamos altera o foco de percepção para os sujeitos, pois eles interagem por meio da linguagem, enunciam-se com vozes distintas, constroem seus discursos a partir de um já dito, relacionam-se. Por esse motivo, é dialógica.

É, pois, essa metodologia, circunscrita no campo da Análise Dialógica do Discurso, doravante ADD, que proporciona ao analista o papel de pôr em relação dialógica enunciados provenientes das posições axiológicas distintas. Nesse entendimento em foco, Bakhtin (2011), ao tratar da “Metodologia das Ciências Humanas”, defende que o componente central dos estudos das ciências humanas deve ser o homem e seu discurso, pois ele é um ser *expressivo* e *falante*. Nas palavras de Bakhtin (2011, p. 400), “[...] o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo”. Esse entendimento do teórico russo, além de quebrar as certezas do positivismo, considera o sujeito para além das compreensões estatísticas, como sendo engendrado numa dada historicidade construída de um ponto de partida, de passado e de um devir.

As palavras desse filósofo da linguagem nos levam a entender que o discurso produzido por esse sujeito possui um contexto axiológico-entonacional. Assim sendo, a palavra não pode ser avaliada como a primeira ou a última do dizer, mas como uma progressão dialógica que nos conduz para fora dos limites daquilo que foi enunciado. O sujeito, por sua vez, não está em relação a si mesmo, está sempre em interação, em uma relação ativa com o outro. Ora, se o sujeito não pode ser considerado morto, tampouco pode ser o seu discurso. Este encontra-se sempre em constante renovação; celebra, pois, a cada evento, novos afloramentos, novas nuances. Portanto, reiteramos que essa abordagem é dialógica, uma vez que defende que um discurso está sempre em relação a outro, e um sujeito em relação a outro.

Sob essas lentes, justificamos esta nossa escolha metodológica, por entender que os sujeitos e os discursos estão dialogicamente imbricados. E, assim sendo, os nossos gestos de interpretação estão na apreciação e na correlação do acontecimento discursivo àquilo que o sujeito materializou enquanto enunciados. A partir disso, traçamos o percurso metodológico a seguir.

2.2 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa, orientada por objetivos que demandam atividades de escuta dialógica e de análise dos enunciados produzidos em *memes* virtuais, é abalizada por contextos e por relações entre sujeitos e discursos. Não possui, assim, um fim de quantificar resultados, mas de explorá-los, interpretá-los, a partir de um reconhecimento de que os resultados levantados

são frutos das interações entre o sujeito pesquisador e o objeto da pesquisa. Por essas razões, encontra-se pautada em uma abordagem qualitativa, já que prevê um estudo interpretativo, situacional e singular.

São as abordagens qualitativas que, segundo Oliveira (2010), auxiliam no trabalho de descrição de problemas e hipóteses dentro de uma dada complexidade; elas, nesse sentido, contribuem para compreensão e classificação de determinados processos sociais, além de sinalizarem o funcionamento de dadas estruturas sociais que estão no entorno dos sujeitos.

Dentro dessa linha de raciocínio, a abordagem qualitativa permite a descrição e a análise detalhadas de determinados fatos e/ou contextos. O pesquisador, por sua vez, inserido nessa abordagem, conforme Oliveira (2010, p. 60), “[...] tenta interpretar a realidade dentro de uma visão complexa, holística e sistêmica”, uma vez que trata da complexidade de problemas que não se resolvem com técnicas estatísticas. Então, comungamos, também, com Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), ao defender que uma pesquisa sob esse enfoque “[...] procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”; assume-se, pois, um caráter de interpretação de um fenômeno com enfoque nos seu entorno.

À luz dessa compreensão, reafirmamos que este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativo-interpretativista, uma vez que procuramos o lugar da apreciação em detrimento da indução, da quantificação; buscamos o lugar do achado, do novo em vez da constatação positivista e, conseqüentemente, primazia nos gestos de interpretação, em vez da mera quantificação.

Pertencente ao paradigma qualitativo, esta pesquisa possui uma fonte de coleta de dados: a internet. É uma coleta que se dá no ciberespaço, mais especificamente em uma rede social – *Facebook*; por essa razão, apresenta heterogeneidades e todo o dinamismo que estão presentes no espaço virtual. É, por essas duas condições aqui apresentadas, que adotamos o método da *netnografia*, uma vez que está vinculado à imersão no mundo virtual e representa um mergulho no microssocial.

O termo *netnografia*, postulado por Kozinets (2014), faz alusão a um trabalho de etnografia mediado por meio do uso do computador, com vistas a interpretar as interações dos sujeitos na *internet* ou por outros meios de comunicação imiscuídos em tecnologia. Com seu surgimento a partir dos anos 90, o método netnográfico surgiu, inicialmente, na área do *marketing*, mas, atualmente, estendeu-se a outros âmbitos de pesquisa, como o das Ciências Sociais, o da Comunicação e o da Linguística.

Mas, conforme enfatizam Amaral, Fragoso e Recuero (2016, p.171), nem sempre foi consensual a adoção desse termo para os antropólogos e cientistas sociais, pois esse

deslocamento conceitual de outra área, *a priori*, gera um “estranhamento”, um embate entre as características da *netnografia* e o fazer etnográfico. Mas, com o surgimento da internet e com a possibilidade de comunicação em rede, alguns pesquisadores perceberam que a etnografia também poderia ser utilizada para os estudos das comunidades reunidas em função da internet.

Esse método pode ter diferentes tratamentos de categorização quanto às terminologias, a exemplo de *etnografia virtual*, *webnografia*, *ciberantropologia*. Contudo, neste trabalho, defendemos o uso do termo utilizado por Kozinets (2014, p.62), *netnografia*, cuja premissa evidencia “[...] a tentativa do pesquisador de reconhecer a importância das comunicações mediadas por computador na vida dos membros da cultura [...]”.

Dito de outro modo, é uma pesquisa observacional centrada nas ocorrências do espaço virtual, pautando-se sempre nas comunicações decorrentes do uso do computador, com vistas a alcançar a compreensão e a interpretação de um fenômeno cultural ou comunal à luz da etnografia.

Sob esse entendimento, o método netnográfico segue um conjunto de protocolos, os quais visam garantir organização e confiabilidade da pesquisa científica. Para tanto, segundo Kozinets (2014), os procedimentos desse método incluem as seguintes etapas: a) planejamento com definição de questões de pesquisa e escolha de websites ou de tópico; b) entrada: marcada com identificação e seleção da comunidade; c) imersão e coleta dos dados; d) análise de dados e interpretação interativa de resultados; e) redação e apresentação dos resultados.

A partir desses seis passos da netnografia, mas não exclusivos dessa abordagem, apenas a essa traçaremos, mais adiante, o nosso percurso metodológico com a pretensão de garantir melhor qualidade e autenticidade científica quanto à elucidação e tratamentos dos dados desta pesquisa, já que há alguns procedimentos de exploração das etapas antes de alcançar a concretização dos resultados. Esses procedimentos, por camadas, vão desde o planejamento à apresentação dos resultados, compreendendo a leitura, a categorização e a análise dos dados, bem como a observação das comunidades virtuais, prototípicas das pesquisas netnográficas.

2.3 Considerações sobre o corpus

Em consonância com nossos objetivos, como já citado, esta é uma pesquisa qualitativa, interpretativista, de base netnográfica, pois tem como propósito de analisar,

segundo a teoria de Bakhtin e de seu Círculo, como os *memes*, enquanto gênero discursivo e enunciado concreto, materializam o discurso religioso, de forma a entender as posições valorativas, as relações dialógicas e os sentidos que deles emergem.

A efeito de exemplificar o afunilamento dos dados aplicado nesta pesquisa até o surgimento do *corpus*, é indispensável que remontemos à ancoragem dessa materialidade no espaço virtual. *A priori*, é a rede social que serve como suporte do gênero discursivo, objeto deste estudo. Assim sendo, concordamos com Amaral, Fragoso e Recuero (2016, p.126), quando defendem que “[...] ao estudar uma rede social é necessário também pensar que a rede, apesar de representar uma estrutura estática, está sempre em movimento”. É, pois, todo esse dinamismo instaurado na redes sociais que, além de ocasionar mudanças frequentes de comportamentos, promove a proliferação de *memes*.

O Facebook (doravante FB) é esta rede social a que nos referimos. Essa escolha se deu enquanto motivação social e acadêmica, uma vez que foi o estatuto de usuários dessa rede que nos fez perceber a produtividade no que se refere ao amplo alcance aos usuários e à propagação frenética de *memes*, a qual se dá de forma consideravelmente potencial, em virtude das opções de curtir, comentar e compartilhar. Além disso, a recorrência e a produtividade de trabalhos acadêmicos reconhecem o FB a partir de seu alto grau de conectividade externa e de interação *online*, o que garante a liderança de 1º lugar no *ranking* da rede social mais utilizada no Brasil e no mundo, segundo o portal de estatísticas *Statist* (2017).

O foco inicial do FB, segundo Recuero (2014), era proporcionar uma rede de contatos aos jovens universitários, os quais passam, nos Estados Unidos, por uma fase crítica de transição: do colégio à universidade. Essa é uma fase que, em muitas ocorrências, implica desde a mudança de moradia até a inserção em novas relações sociais. Essa rede social, conhecida inicialmente como thefacebook, foi criada pelo estudante americano de Harvard, Mark Zuckerberg, juntamente com três outros associados, dos quais um deles é brasileiro, Eduardo Saverin, no ano de 2004, a fim de atender aos alunos que estavam saindo do ensino secundário (High School) e entrando na universidade. Sob esse propósito inicial de mera integração de alunos entre essas instituições educacionais, o sistema foi sendo reinventado desde 2005, extrapolando os limites desses estudantes, alcançando, atualmente, o status de maior base de usuários virtuais no mundo.

Concebido como um dos meios de comunicação e de interação do mundo pós-moderno, dentro do espaço virtual – internet –, o FB é, hoje, palco das discussões que incluem a resignificação da escrita, já que, através da Web 2.0, o usuário não é só consumidor de

informações, mas também produtor de textos formados por imagens, palavras, sons, vídeos, links, GIF; e, em consequência dessas relações semióticas, ele é também um criador de *memes* com pluralidade de sentidos. A efeito de demonstração dessa cadeia, aqui traçada, o *meme* encontra-se no extremo, no desfecho desta escalabilidade concebida:

Figura 1 – Cadeia de circulação dos *memes*⁸



Fonte: elaborado pelo autor, 2017.

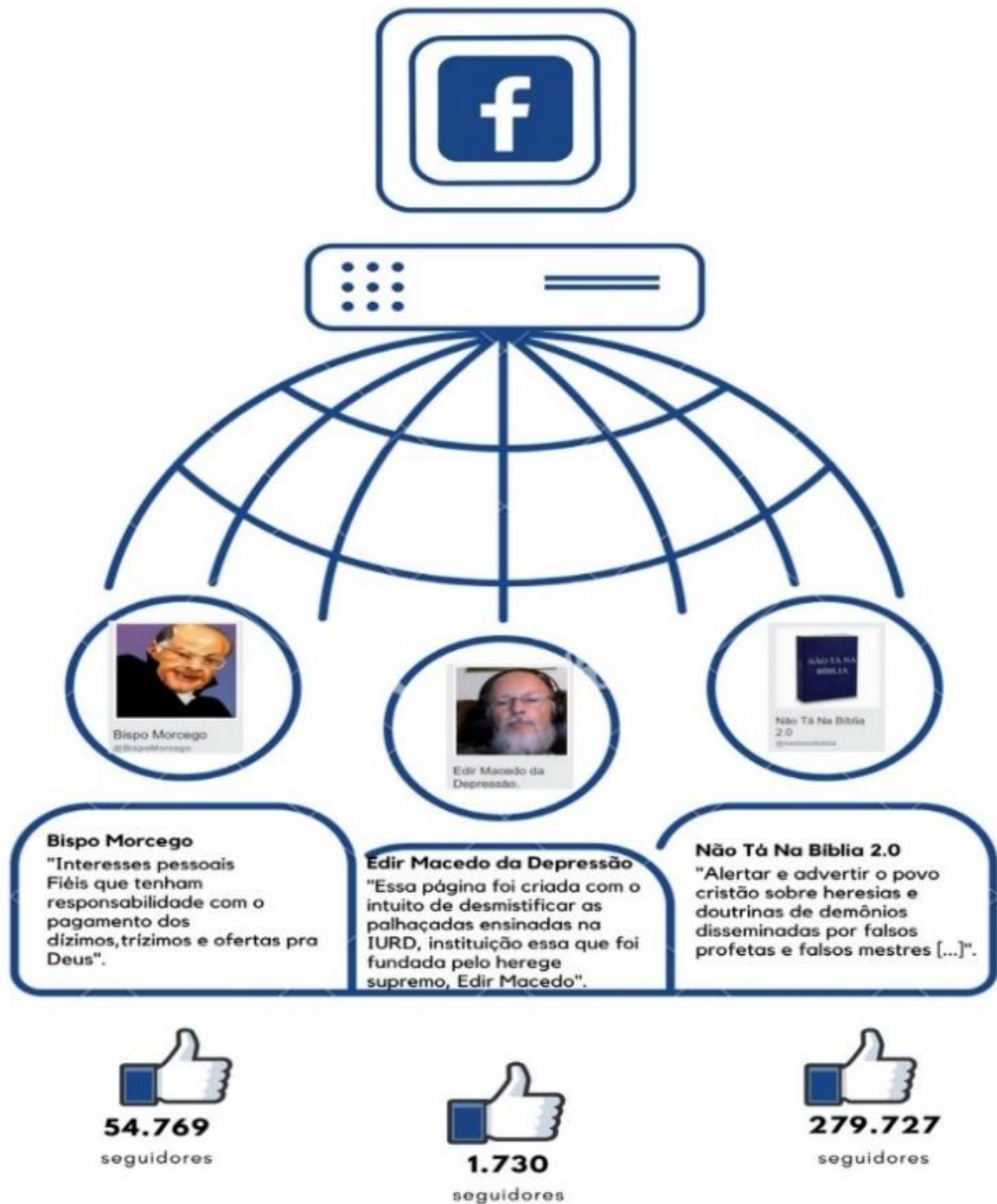
Nesse fluxo escalar da cadeia de circulação, conforme projetamos, são as comunidades as responsáveis imediatas por abrigar esse gênero. Como o FB se organiza através de perfis e comunidades (RECUERO, 2009), nossa coleta de dados, compreendendo essa forma de organização da rede, tinha como interesse primário os *memes* propagados em comunidades que fazem circular, de maneira regular e frequente, a temática que temos como interesse de estudo: o discurso religioso, mais especificamente, aquele que serve como uma prática de denúncia dos pastores neopentecostais brasileiros cujas condutas morais e éticas são, supostamente, incoerentes àquilo que se presume, nas representações sociais, de um pastor honesto.

Para tanto, como afirmamos anteriormente, a escolha das comunidades não se deu de forma aleatória; todavia, foram as nossas observações e pesquisas dentro do FB que nos fizeram escolher três comunidades que manifestavam *interação social mútua* (RECUERO, 2014) entre os participantes em relação à temática, pertencimento relacional, trocas comunicativas, número expressivo de seguidores e, sobretudo, *memes* produzidos que demonstrassem uma amostragem produtiva do fenômeno social estudado, de uma

⁸ Os *memes* aos quais nos referimos, que seguem o fluxo apresentado no referido infográfico, são aqueles que foram coletados nas comunidades do Facebook. Compreendemos que os *memes*, em geral, podem ou não seguir essa cadeia.

heterogeneidade de sujeitos pastores. A fim de ilustração, o infográfico, a seguir, tenta apresentar, ainda que de forma sumarizada, essas comunidades escolhidas:

Figura 2 – Comunidades do Facebook escolhidas⁹



Fonte: elaborado pelo autor, 2017.

⁹ Em função das variações da quantidade de seguidores, asseguramos que a coleta desses dados foi realizada em 17/08/2017, nas referidas comunidades.

Ainda que, aparentemente, as comunidades “Bispo Morcego” e “Edir Macedo da Depressão” pareçam tratar, exclusivamente, de um mesmo sujeito, o bispo Edir Macedo, essas se ocupam, em cada um dos seus estatutos, de questões mais gerais tanto na formulação e propagação de *memes* quanto na publicação de fotos e vídeos com referência a outros pastores neopentecostais, para além da Igreja Universal do Reino de Deus (doravante IURD). Quanto à popularidade, a cada dia, pelo que temos observado, o número de seguidores dessas comunidades aumenta. Mas, é a comunidade “Não Tá Na Bíblia 2.0” que possui o maior número de seguidores e apresenta uma diversidade de vídeos, fotos e *memes* endereçados à diversidade desses pastores – Valdemiro Santiago, Silas Malafaia, Sônia Hernandez. Apesar de haver essa regularidade quanto ao tratamento e à exposição do tema, há, em cada uma dessas comunidades, uma *tonalidade dialógica* singular que, em forma de crítica e/ou de ironia, revelam um *estilo* e uma *expressividade* em seu projeto enunciativo em relação àqueles que estão imiscuídos nessa prática religiosa.

No que tange ao nosso *corpus*, apresentaremos o universo e a amostra que foram utilizados nesta pesquisa. O *corpus* ampliado, pertencente ao universo, com base no tratamento da temática, é composto por 23 (vinte e três) *memes* coletados, a partir de publicações disponíveis em sites e na rede social FB, entre o período de dezembro/2016 a setembro/2017. Essa coleta compreendeu 6 (seis) comunidades, publicações em perfis de amigos do FB, além daquelas existentes no museu dos *memes* da UFF, disponível virtualmente em <http://www.museudememes.com.br/>. À época, considerávamos a heterogeneidade de construções empreendidas e a regularidade da temática abordada por eles, sobretudo a repetibilidade de um único evento em alguns *memes*.

No que se refere à amostra, o nosso *corpus* restrito, é constituído por 7 (sete) *memes*. Com a intenção de afunilamento e de delimitação da pesquisa, utilizaremos 3 (três) comunidades, já citadas anteriormente. A escolha dessas comunidades, e não de outras, já foi justificada, porém reforçamos que a nossa tomada de decisão se deu em função dessa quantidade de *memes* porque esta era produtiva no que se refere à maior regularidade do tema, ao expressivo número de curtidas e até de compartilhamentos, ao tratamento de diversos eventos/acontecimentos, à referência delimitada a um grupo de pastores e de bispos, e não ao amplo universo cristão neopentecostal. Essa escolha também foi abalizada porque esses sete *memes*, ao nosso ver, têm um teor discursivo no que se refere ao caráter de ironia e de denúncia, que, de modo velado ou não, são bastante profícuos ao nosso interesse de pesquisa.

2.4 Procedimentos e categorias de análise

Tomamos o método netnográfico, proposto nas discussões de Kozinets (2014), como base metodológica neste trabalho. Para tanto, seguimos aqueles seis passos, anteriormente citados, para elucidação e andamento desta pesquisa: planejamento – identificação e seleção da comunidade – imersão e coleta de dados – análise dos dados e interpretação – redação e apresentação dos resultados.

Paralelamente, em consonância com o arcabouço teórico a ser mobilizado, seguindo uma metodologia bakhtiniana de análise de gêneros, adotamos a proposta de análise sugerida por Sobral (2014), formulada em uma técnica cujos procedimentos se dão em três níveis ou etapas, com o propósito de analisar nosso objeto de estudo a partir de uma *genericidade e discursividade: descrição – análise – interpretação*.

Nesse sentido, a descrição nos serviu para situar o *corpus* em um determinado campo da atividade humana de produção, circulação e de recepção; por sua vez, a análise nos possibilitou questionar como o discurso se constrói, como se estrutura, permitindo-nos a tarefa de identificar o tema predominante, bem como a sua relação com as sequências verbais, além do exame das “unidades arquitetônicas” dos seus componentes. Na última etapa, a interpretação, unimos as duas descrição e análise para identificar as estratégias de produção de sentidos.

Em trabalho anterior, influenciado pelas ideias de Bakhtin, Sobral (2009) coaduna com nossa sumarização analítica aqui posta, uma proposta de análise de gêneros discursivos cujos princípios partem de um olhar analítico do macro ao micronível. No princípio macrogenérico, o analista é responsável por 1. Determinar a que esfera pertence o gênero, com o propósito de situá-lo na história; 2. No âmbito da esfera, divulgar as características que lhes são inerentes; 3. Examinar, sob essas lentes, as discursividades que se revelam e as textualidades prototípicas do gênero em análise; e, por último, 4. Partir, de modo recíproco, do particular (o texto dado) para o global (as marcas enunciativas desse texto); e, inversamente, do geral (o contexto em sentido amplo) para o particular (o texto em um contexto).

Quanto aos princípios microgenéricos, são, assim, formulados:

1. Analisar qualitativamente elementos que permitam caracterizar os textos como membros de um gênero, e revelar suas especificidades como gênero em termos da esfera de produção, circulação e recepção; 2. Analisar as estratégias de inter-auto-formação dos textos a partir do gênero; 3. Analisar

os modos específicos de esse gênero criar interação(ões) locutor-interlocutor, ou seja, as formas de autoatribuição de competência enunciativa pelo autor objetivado; 4. Analisar os modos específicos de o locutor buscar levar o interlocutor a aceitar as “teses” defendidas em seu projeto enunciativo o âmbito do gênero (SOBRAL, 2009, p.132).

Em consequência dessa plasmação de etapas e de princípios de níveis de análise que a teoria dialógica nos sinaliza surgiu, então, nossa categoria analítica: **o tom valorativo**. Como é óbvio, com o intuito de responder nossa pergunta de pesquisa, e, também, guiados por todas essas etapas e princípios, fizemos a leitura do *corpus*, elegendo, dois procedimentos de análise:

1. Descrever e analisar o gênero *meme* a partir dos princípios *macrogenéricos* e *microgenéricos* definidos por Sobral (2009);
2. Descrever e analisar os mecanismos linguístico-discursivos do gênero *meme* que formam o seu **tom valorativo**.

3 ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO E MEMES: REFLEXÕES TEÓRICAS

O cerne da discussão que norteia este capítulo é apresentar um levantamento dos principais e indispensáveis conceitos teóricos de Bakhtin e de seu *Círculo*¹⁰ que embasam esta pesquisa. Para tanto, com a finalidade de responder à pergunta da pesquisa e alcançar os nossos objetivos traçados, trataremos do *Princípio Dialógico da Linguagem*, no que se refere especificamente, aos conceitos de *interação*, de *linguagem* e de *discurso*. Sob esse mesmo mirante teórico, temas como *enunciado concreto*, *valoração*, *ironia* e *gêneros do discurso* também são caros à nossa análise sobre o tema a que nos propomos investigar.

Além dessa abordagem teórica delineada, focalizaremos, também, em uma historicização dos *memes*, a formulação do seu conceito para os estudos da Comunicação. Nesse sentido, apresentaremos um estudo, embora sucinto, dos *memes*, quanto aos tipos, às classificações mais gerais e específicas, bem como seu valor informacional. Ademais, nós os concebemos enquanto gêneros discursivos, constituídos de “projetos enunciativos”, de enunciados concretos que valoram, ironizam, nomeiam sujeitos inseridos em uma dada prática social. E esse é nosso caminho a ser explorado.

3.1 Princípio dialógico da linguagem: questões sobre linguagem, interação e dialogismo

Sob o prisma da Teoria Dialógica do Discurso, doravante TDD, a linguagem é concebida como social, ideológica e histórica, como forma de interação entre sujeitos. Por assim ser, essa perspectiva ressignifica o modelo comunicativo concebido por Roman Jakobson (2010), a partir da *Teoria da Comunicação*, para a qual o falante é representado como emissor codificador de uma mensagem; o receptor, como ouvinte, um decodificador. O discurso, nessa compreensão, não está impregnado de tonalidades afetivas. A esse respeito, Todorov (1998) elabora um esquema que serve para distinguir o modelo comunicativo entre Bakhtin e Jakobson. Nesse sentido, “[...] aquele ouvinte que, com sua compreensão passiva, é representado como parceiro do falante nos desenhos esquemáticos das linguísticas gerais, não corresponde ao participante real da comunicação.” (BAKHTIN, 2016, p. 26), pois esse esquema é a representação de um movimento abstrato de um ato que é real, pleno e

¹⁰ É sabido que a denominação de Círculo de Bakhtin compreende o referido filósofo, bem como seu grupo de intelectuais, com formações acadêmicas diversas, a saber: Matvei I. Kagan, Ivan I. Kanaev, Maria V. Yudina, Lev V. Pumpianski, Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev. Esses estudiosos se dedicaram profundamente aos estudos dos filósofos do passado e tinham, em comum, uma paixão: os estudos do fenômeno da linguagem.

responsivo da comunicação discursiva. Essas categorias estáticas deformam o quadro dinâmico da comunicação, suprimindo os momentos substanciais e ignorando o papel ativo do outro nesse processo de comunicação. Outrossim, a implosão dessas categorias se justifica, à luz da TDD, porque: 1) a comunicação linguística não é linear, nem simplista, tampouco mecanicista; 2) conceber a linguagem, para essa abordagem dialógica, é extrapolar a estrutura da língua, suas regras de formulação, mas também é passar a enxergar que a comunicação entre os sujeitos é constituída por relações dialógicas, ideológicas e de sentidos, em um dado contexto sócio-histórico específico.

Essa concepção de linguagem orientada para as relações e práticas sociais extrapola as outras concepções de linguagem *como expressão do pensamento* ou *como instrumento de comunicação*. A esse respeito, Volóchinov (2013) defende que a linguagem é um fenômeno social, uma vez que esta é imprescindível para a organização do trabalho humano e à consciência de cada homem. Desse ponto teórico extraímos, inicialmente, algumas considerações: é na/pela linguagem que há a constituição do sujeito e “[...] com a ajuda da linguagem se criam e se formam os sistemas ideológicos.” (VOLÓCHINOV, 2013, p.155). Ora, se para esse filósofo russo não há consciência sem signo, logo todo signo é ideológico. Não há, pois, ideologia sem estar materializada em um signo.

Assim sendo, a consciência individual, para Volóchinov (2017), é prenhe de ideologias, pois essa consciência só se constitui de formas sígnicas geradas no processo de comunicação de um coletividade *socialmente organizada*; logo, ela é sociológica e ideológica. Advindo de uma relação dialógica, marcada pela alteridade, o signo carrega uma força intersubjetiva. No que se refere a essa elucidação, é indispensável afirmar que a formação da consciência só ocorre no ambiente social, no “[...] acontecimento social da interação verbal, realizada com uma ou mais enunciações.” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 129). Portanto, a linguagem, para essa concepção, não é representada pela abstração da forma linguística, mas ela é o sítio das relações sociais, da produção de sentidos estabelecida pela palavra (signo socioideológico), pela língua com o sujeito.

Em defesa da linguagem como interação, da língua essencialmente concebida como signo ideológico, Volóchinov (2017) defende que esta, além de abarcar três esferas de realidade – *física, fisiológica e psicológica* – deve engendrar, também, a unicidade da esfera da *comunicação social organizada*. Nesse sentido, “[...] para observar o fenômeno da língua, é necessário colocar os sujeitos falante e ouvinte, bem como o próprio som, no ambiente social.” (VOLÓCHINOV, 2017, p.145). É, em suma, a produção e a percepção sonora

somadas à vivência do signo entre os locutores, as quais, em uma situação comunicativa una, possibilitam a interação verbal por meio da língua e da linguagem.

Todo esse empreendimento teórico desenvolvido para compreender a linguagem enquanto interação justifica a oposição erigida pelo filósofo a duas tendências modernas do pensamento linguístico ocidental, a saber: *subjetivismo individualista* e o *objetivismo abstrato*. A primeira tendência, sob influência de seu fundador Humboldt, está centrada no ato de fala e concebe-o como a capacidade criativa do falante, como o fundamento da língua. Nessa acepção, entender a linguagem é minimizá-la a um ato consciente, individual e de criação contínua. Seus princípios fundamentais são, assim, apresentados:

- 1) A língua é atividade, um processo ininterrupto de criação, realizado por meio de atos discursivos individuais;
- 2) As leis de criação linguística são, em sua essência, leis individuais e psicológicas;
- 3) A criação da língua é uma criação consciente, análoga à criação artística;
- 4) A língua como um produto pronto, como um sistema linguístico estável (dotado de vocabulário, gramática e fonética), representa uma espécie de sedimentação imóvel, de lava pretificada da criação linguística, construída de modo abstrato pela linguística com o objetivo prático de ensinar a língua com um instrumento pronto (VOLÓCHINOV, 2017, p. 148-149).

Dessa assertiva teórica, emerge a noção de que a língua é vista a-historicamente, fruto de um psiquismo individual, é um ato de criação individual; portanto, a psique individual é a origem do signo; o sujeito, a origem do discurso e dos sentidos. Essa criatividade da linguagem é concebida como algo consciente, analogamente às manifestações da arte e da estética; em outros termos, a atividade da criatividade da linguagem é, também, uma atividade consciente, semelhante à criatividade artística. Porém, essa atividade é feita em um processo ininterrupto de criação, por meio das enunciações individuais que emergem do interior para o exterior do sujeito.

Em recusa ao positivismo linguístico, foi a escola de Vossler que, no século XX, atribuiu um grande significado ao *subjetivismo individualista*. Em razão dessa recusa, passou-se a perceber no âmbito da linguagem não apenas a forma linguística, mas o aspecto ideológico significativo. Em desdobramentos, passou-se a compreender que o “gosto linguístico”, como variante do gosto artístico, é o catalisador da criatividade linguística. Sendo assim, esse “gosto” além de dar vida à língua, reformula a noção de sistema linguístico acabado, haja vista a primazia do aspecto estilístico sobre o gramatical.

Passemos, então, a tratar do *objetivismo abstrato* cuja compreensão do sistema linguístico está restritamente vinculado a um sistema de formas fonéticas, gramaticais, lexicais da língua. É, ainda, Volóchinov (2013) que nos incita a pensar sobre essa segunda tendência, quando admite que a essência da linguagem, para essa concepção, é como um sistema de formas idênticas a si mesmas. Enquanto na primeira concepção, a língua é integrada de atos de fala incessantes; na segunda, ela é estabelecida como imanente, como um sistema estruturado que obedecem a leis específicas; sendo imóvel, cabe ao falante aceitá-la como tal. A definição resumida dos principais fundamentos está sinalizada nesses pontos:

- 1) A língua é um sistema estável e imutável de formas linguísticas normativas e idênticas, encontrado previamente pela consciência individual e indiscutível para ela.
- 2) As leis da língua são leis linguísticas específicas de conexão entre sinais linguísticos dentro de um sistema linguístico fechado. Essas leis são objetivas em relação a qualquer consciência subjetiva.
- 3) As leis linguísticas específicas não possuem nada em comum com os valores ideológicos (artísticos, cognitivos e outros). Nenhum motivo ideológico é capaz de fundamentar o fenômeno da língua. Entre a palavra e sua significação não existe uma conexão, seja ela natural e compreensível para a consciência, seja artística.
- 4) Os atos individuais da fala são, do ponto de vista da língua, apenas refrações e variações ocasionais ou simplesmente distorções das formas normativas idênticas; mas justamente esses atos de fala individual explicam a mutabilidade histórica das formas linguísticas, que, como tal, do ponto de vista do sistema da língua é irracional e sem sentido. Entre o sistema da língua e sua história não existe nem conexão nem motivos em comum. Eles são alheios entre si (VOLÓCHINOV, 2017, p. 162).

Caraterizada dessa forma, essa concepção destitui a língua de sua historicidade e de significações ideológicas. Há um estranhamento instaurado entre o sistema e a história, não existindo nenhum vínculo ou motivação entre eles. Sob um estatuto racionalista, matematicamente arranjado, o objetivismo abstrato “[...] não se interessa pela relação do som com a realidade por ele retratada ou com o indivíduo que o gerou, mas pela relação de signos com outro dentro de um sistema fechado, uma vez aceito e postulado.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 163). Como se percebe, sendo a língua um sistema imutável, ela já se encontra pronta na consciência individual, não havendo, pois, nenhuma motivação ideológica na base desse fenômeno.

Outrossim, observa-se que o código linguístico é análogo ao código matemático; por ser assim, os signos linguísticos são regulados no interior do sistema linguístico, a partir de uma relação *signo para signo*. Essa lógica interna do sistema, fruto de todo esse racionalismo, extrapola a relação do signo com a realidade que ele reflete, promovendo uma cisão entre

língua e o conteúdo ideológico. Sabe-se, ainda, que o foco dessa tendência é a lógica interna do sistema de signos, o qual, de forma idêntica à matemática, é livre de significações ideológicas. Desse modo, o domínio da estrutura da língua está acima do sujeito, haja vista que a essência da língua está localizada no próprio sistema. Origina-se desse lugar teórico o estatuto de a língua ser imanente, como algo que tem princípio e fim em si mesma, que deve ser estudada por si, ignorando os aspectos extralinguísticos.

Para o alcance de uma melhor expressão do objetivismo abstrato, foi a Escola de Genebra, através dos postulados de Ferdinand Saussure, que nos apresentou a tripartição dos aspectos da língua: a linguagem; a língua (sistema de formas) e a fala (discurso-enunciação). Essa concepção, fundada em Saussure (2004), concebe a linguagem como *instrumento de comunicação*, pois formulada como um código, isolada do uso, destina-se apenas à transmissão de uma mensagem de um emissor a um receptor. O linguista genebrino rompe com a concepção de *linguagem como expressão do pensamento*, quando a partir da dicotomia *Langue/Parole*, constitui a língua como objeto de estudo; a fala, por ser individual, heterogênea, heteróclita e diversificada é descartada, naquele momento, como objeto da Linguística, pois Saussure afirmava que, por ser assistemática, acarretaria dificuldade em torná-la objeto da linguística. Nas lentes saussurianas, a língua está em oposição à fala tal como o social está para o individual. Porém, Bakhtin não nega a premissa de significação interna do sistema linguístico. Sua filosofia da linguagem, pós-Saussure, cede espaço para elementos externos, para o sujeito, para o enunciado em uma relação recíproca entre a língua e sujeito.

Em oposição aos princípios defendidos por essas correntes anteriores a Bakhtin, Volóchinov (2013) analisa cada tendência, dando-lhes respostas produtivas. Quanto ao objetivismo abstrato, avalia que “[...] ter estabelecido uma separação entre a língua e o seu conteúdo ideológico é um dos erros mais graves.” (VOLÓCHINOV, 2013, p.116), pois a forma linguística emerge no contexto específico de enunciação e, conseqüentemente, é atravessada por um contexto ideológico preciso, pois a palavra é sempre gestada de um conteúdo, de um significado ideológico. Em recusa ao sistema abstrato, fixo e imóvel da língua, defende que a “[...] palavra para um falante, na sua língua materna, não é um voz no dicionário, mas uma palavra utilizada nas mais variadas enunciações do interlocutor.” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 115).

No que tange à oposição ao subjetivismo individualista, esse filósofo declara que essa teoria de expressão é improdutiva porque a enunciação não parte do interior do indivíduo, mas do exterior, da esfera que está em seu contorno. Essa enunciação é regulada pelas condições

sociais e pelos fatores ideológicos atravessados. Porém, a negação a esse construto teórico não se dá de um todo. Os atos de fala, por exemplo, além de representar a *efetiva realidade concreta da língua*, constitui-se, também, o seu *valor criativo* nas atividades languageiras. E isso não pode ser negado. Porém, “[...] o subjetivismo individualista está errado quando ignora e não compreende a natureza social do ato de fala e busca fazê-lo derivar no mundo interior do falante como expressão deste mundo interior.” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 128).

Não obstante, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, é interesse de Volóchinov (2017) apresentar a linguagem a partir do estatuto da interação e da enunciação. Não se trata apenas de observar as relações entre linguagem e sociedade a partir da compreensão de como essa linguagem determina a consciência ou em que medida essa linguagem é plasmada de ideologia. Para além disso, há o “[...] interesse pela natureza social dos fatos linguísticos, o que significa entender a enunciação indissolivelmente ligada às condições de comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais.” (BRAIT, 2005, p.94).

Nessa acepção filosófica em foco, a linguagem está correlacionada a duas forças motrizes: *a organização do trabalho na sociedade e a luta de classes*, segundo Volóchinov (2013). Por meio destas, a linguagem humana se constitui a partir de um trabalho de coletividade, por meio de uma enunciação real; dessa forma, ela possui uma natureza social e histórica. Realiza-se nas práticas sociais, sob uma orientação social específica, sempre endereçada a um interlocutor, por meio de uma ação orientada com finalidade específica. Essa compreensão da linguagem enquanto interação carrega, de forma evidente, um traço sociológico que perpassa a comunicação verbal entre os falantes.

Sob essa perspectiva, é preciso lembrar que a enunciação não é monológica, fruto de um ato puramente individual, ou advento da consciência individual, pois a linguagem entendida como interação verbal compreende a enunciação com sendo dialógica, sempre viva, dialética, flexível, contornada pelas nuances que emergem do contexto. A linguagem, sob esse ponto de vista, não é fruto de invenção consciente ou meditada, ela é “[...] o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade quem a gerou.” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 141).

A partir dessa descrição da natureza social da linguagem, percebemos que a enunciação é sempre *orientada para outro*. A esse respeito, Volóchinov (2017 p. 204-205, grifos nossos) defende:

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. **A palavra é orientada para o interlocutor**, ou seja, é orientada **para quem é esse interlocutor**: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor [...] (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204).

Desse modo, é possível afirmar que a linguagem está sempre ligada ao tempo, ao espaço e à posição do sujeito no mundo. O diálogo, nesse sentido, compõe-se como característica imprescindível da linguagem, como intercâmbio verbal de enunciações; logo, ele é a manifestação mais natural da linguagem, que consiste em uma conversação recíproca, alcançando dois interlocutores. Como se percebe, a palavra é sempre amalgamada por duas faces determinantes: de alguém de onde procede e do outro, a quem se dirige. É ela, assim, o produto desse jogo de interação entre locutores. Por assim dizer, “[...] toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205). No entanto, é imprescindível afirmar que a enunciação entre esses interlocutores não só se dá apenas por meio da palavra, mas por meio do gestual, da entonação, da modalização da voz, da expressão facial ou de outros aspectos extralinguísticos.

Ante o exposto, percebemos que esta se encontra sempre endereçada a um *auditório social*, o qual é responsável, nesse fluxo verbal, por assumir uma compreensão – uma *escuta avaliativa* – e, conseqüentemente, dar uma resposta de consonância ou não. Esse caráter de orientação social é o constituinte de todo ato de comunicação verbal. E é essa orientação inteiramente social da enunciação que determina a estrutura do enunciado, a qual exporemos mais à frente. Todavia, mesmo que o sujeito estabeleça consigo mesmo uma conversa, configurando-se, assim, um monólogo, este presume uma orientação. Do verbal ao gestual, quando na ocorrência da participação de duas ou mais pessoas – diálogo, ou não, ali também haverá orientação social; ademais, “até o choro de um bebê de colo é “orientado” para a mãe” (id., 2017, p.208). Portanto, “[...] a orientação social é uma das forças vivas e organizadoras que, junto com a situação da enunciação, constituem não só a forma estilística mas também a estrutura gramatical da enunciação.” (VOLÓCHINOV, 2013, p.169).

Por fim, devemos compreender que essa interação verbal concebe a enunciação como a unidade real da linguagem que permite a ação de enunciar, de dizer, levando sempre em consideração as condições e as ideologias do ambiente social. Por essa razão, a realidade da linguagem não está na abstratização do sistema linguístico, nem ato psíquico da realização da fala, mas no acontecimento social dessa interação que se concretiza por meio de um ou mais

enunciados. Como se pode perceber, “[...] a língua vive e se forma historicamente aqui, na comunicação verbal discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 220); além disso, é essencial relembramos que a construção das enunciações, as quais se formam a partir da comunicação verbal, está plasmada de atributos sociais. Assim, nunca compreenderemos qualquer enunciação de forma produtiva “[...] se não tivermos em conta o fato de que ela é só um momento, uma gota do rio da comunicação verbal, rio ininterrupto, assim como é ininterrupta a própria vida social, a história mesma.” (VOLÓCHINOV, 2017, p.158).

Por ora, destacamos que, nessa esteira de compressão filosófica, o homem está imerso em atividades de linguagem, isto é, enuncia-se sempre por meio de textos. Quanto ao texto, Bakhtin (2011) define-o como o objeto dialógico das Ciências Humanas, o espaço por meio do qual é possível compreender e analisar a relação do homem com a linguagem, haja vista que esse homem é entretecido na linguagem, com mediação de textos. Em suma, o texto é definido como:

- a) objeto significativo ou de significação, isto é, o texto significa;
- b) produto da criação ideológica ou de um enunciação, com tudo o que está aí subentendido: contexto histórico, social, cultural etc. (em outras palavras, o texto não existe fora da sociedade, só existe nela e não pode ser reproduzido à sua materialidade linguística [empirismo objetivo] ou dissolvido nos estados psíquicos daqueles que o produzem ou o interpretam [empirismo subjetivo]);
- c) dialógico: já como consequência das duas características anteriores o texto é, para o autor, constitutivamente dialógico; define-se pelo diálogo entre os interlocutores e pelo diálogo com outros textos;
- d) único, não-reproduzível: os traços mencionados fazem do texto um objeto único, não-reiterável ou repetível (BARROS, 2005, p. 26-27).

Como se percebe, o texto assume uma significação muito ligada ao conceito de enunciado, do qual trataremos mais à frente, pois se ele significa, implica dizer que é constituído de um “projeto discursivo” cujas condições de produção e de circulação estão ligadas aos contextos social e ideológico e às interações. Quanto a ser ideológico, o texto, na concepção de Bakhtin, é preenchido por uma linguagem, na qual “[...] se desenvolvem os inúmeros embates em que as várias formas em atuação na realidade histórico-social disputam a supremacia na semiose do mundo.” (COSTA, 2017, p. 140).

Assim concebido, ele é também dialógico, pois “[...] o texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo.” (BAKHTIN, 2011, p. 401). Como vimos, é o texto o espaço de materialização discursiva. Por sua vez, o discurso é

o espaço em que se traduzem as lutas de classes; é o sítio das vozes sociais, das lutas; é onde estão alicerçadas essas dadas ideologias. Nesse entendimento, o texto está para o enunciado, assim como o discurso está para a enunciação. Sobral (2009, p.101), nesse sentido, defende discurso como

[...] uma unidade de produção de sentido que é parte das práticas simbólicas de sujeitos concretos e articulada dialogicamente às suas condições de produção, bem como vinculada constitutivamente com outros discursos. Mobilizando as formas da língua e as formas típicas de enunciados em suas condições sociohistóricas de produção, os discursos constitui seus sujeitos e inscreve em sua superfícies sua própria inteligência e legitimidade social e histórica.

Todo esse delineamento nos projeta a duas conclusões sobre a linguagem: a interação verbal se constitui enquanto realização substancial da língua e, conseqüentemente, o diálogo é uma dessas formas de interação. Logo, compreendemos que a linguagem é dialógica, já que todo discurso tem uma orientação dialógica, isto é, todo discurso se guia pelo já-dito, já conhecido. Essa compreensão revela que não existe o discurso primeiro, as palavras inaugurais, pois “[...] só o Adão mítico, que chegou com sua palavra primeira ao mundo virginal ainda não condicionado, o Adão solitário conseguiu evitar efetivamente até o fim essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro no objeto.” (BAKHTIN, 2015, p. 51).

Diante dessa concepção, percebe-se que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e a condição de sentido do discurso. Chama atenção, ainda, o fato de o dialogismo estar presente na vida do homem muito mais do que ele pensa, entretecendo um tecido dialógico de sentidos em torno de cada ato desse sujeito. Nesses termos, o filósofo russo pondera:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2011, p. 348).

Em primeiro lugar, deve-se observar que as relações sociais que envolvem o homem são relações dialógicas. Como se percebe, o estatuto do dialogismo, nesse primeiro momento, relaciona-se ao que conhecemos como alteridade, já que o *outro* é indispensável na constituição desse sujeito, isto é, torna-se inconcebível pensar o homem afastado das relações que o ligam ao outro. Ora, se a linguagem é um produto vivo da interação social, a

propriedade perene da língua está no fato de ela ser dialógica. A partir disso, trataremos de duas materializações do dialogismo: o diálogo entre locutores e o diálogo entre discursos.

Nessa primeira acepção, Barros (2005) retoma Bakhtin, ao tratar do desenvolvimento dessa interação verbal entre sujeitos e da intersubjetividade. Para tanto, apresenta-nos quatro aspectos dessa concepção de dialogismo entre os interlocutores, resumidamente expressos:

- a) a interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem;
- b) o sentido do texto e a significação das palavras são dados nas/ pelas relações entre sujeitos;
- c) a intersubjetividade é anterior à subjetividade, haja vista que a relação entre os interlocutores não apenas funda a linguagem, mas é responsável pela construção de sentido ao texto e de sujeitos produtores de texto;
- d) os dois tipos de sociabilidade em Bakhtin: a relação entre sujeitos e a dos sujeitos com a sociedade.

Dito de outra forma, esse elo dialógico entre sujeitos é mantido por meio da palavra, signo ideológico, pela qual se mantém uma vinculação, isocronicamente, entre o social, a subjetividade e a intersubjetividade, pois a palavra, para Volóchinov (2017), além de ser o produto da interação verbal, define o sujeito em relação ao outro e à coletividade. Através dela, o sujeito dirige-se a alguém no mundo histórico-social, a fim de estabelecer uma relação de luta, de acordo, de tensão, de negociação, de contrato, de conciliação e de afetividade. Serve, pois, para estabelecer o vínculo entre os sujeitos e entre a sociedade. A esse respeito, por fim, entendemos que o “[...] dialogismo designa em primeiro lugar a condição essencial do próprio ser e agir dos sujeitos. O sujeito só vem a existir na relação com outros sujeitos, assim como age em relação a outros de outros sujeitos, nunca em abstração desse sujeito e desses atos.” (SOBRAL, 2009, p.35).

Por outro lado, contrapondo-se a algumas reflexões teóricas acerca do tema, Fiorin (2006) defende que, por se tratar de um conceito amplo, o dialogismo, embora possa se referir a alguns planos distintos, “[...] não se pode dizer que haja dois tipos de dialogismo: entre enunciados e entre locutor e seu interlocutor. Na verdade, o interlocutor é sempre uma resposta, um enunciado e, por isso, todo dialogismo são relações entre enunciados.” (FIORIN, 2016, p.36). Nesse ponto, chega-nos uma compreensão: o dialogismo se refere à ideia de que todo enunciado funciona como um agente do significativo diálogo, não apenas com outros enunciados os quais lhes foram predecessores e sucessores na cadeia da comunicação verbal, mas com os interlocutores de diferentes posições sociais e ideológicas na sociedade.

De acordo com Bakhtin (2002, p. 42), “[...] as relações dialógicas [...] são um fenômeno universal, que penetra [...] tudo o que tem sentido e importância”. Assim, o conceito bakhtiniano de dialogismo não é aquele vinculado ao estudo da forma-diálogo, mas a contextos em que se busca o sentido, refutar ou fortalecer a palavra do outro. Esta interação acontece de maneiras diferentes e, nesse processo, um diálogo é constituído. Não se trata da conversa face a face entre pessoas, mas a incidência das variadas vozes presentes no meio social em enunciados, o que caracteriza as relações dialógicas. No que concerne a isso, tratar de dialogismo é muito mais do que tratar de réplicas, “[...] implica que o sentido nasce de “diálogos” (no sentido amplo) entre formas de enunciados/discursos passados, que já foram produzidos, e formas de enunciados/discursos futuros, que podem vir a ser produzidos.” (SOBRAL, 2009, p. 36).

Conforme a observação aqui registrada, fica claro que Bakhtin e seu Círculo apresentam o conceito de dialogismo vinculado ao de interação. Os discursos, por sua vez, são entendidos como tramas de relações dialógicas constituídas e avocadas por um sujeito e expressas pela linguagem por meio de um ponto de vista. Isso posto, é necessário enfatizar que cada discurso é uma conexão na corrente complexamente organizada de outros discursos. O filósofo russo afirma mais:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo do desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. (BAKHTIN, 2010, p. 410, *itálicos do autor*).

Na esteira desse entendimento teórico, o dialogismo é a capacidade de o discurso dialogar com o já dito e se reportar ao que ainda será dito. Partindo dessa ideia, a Teoria Dialógica da Linguagem (doravante, TDL) concebe o sujeito enunciativo a partir de perspectiva histórico-sócio-cultural, já que este é interpelado por uma réplica, em forma de ação, apreciação ou concordância a um discurso já dito. Nesse sentido, o dialogismo tem

como estrutura máxima a polifonia, pois é a partir dessas vozes que surge o caráter dialógico da linguagem.

Importa, porém, para Bakhtin perceber que o enunciado é prenhe de vozes sociais; portanto, ele responde, aponta, dentro de uma cadeia socioverbal, para o já dito; este ainda funciona como uma resposta que abriga sempre um consenso ou um dissenso, o que representa dizer que “[...] todo dizer é, assim, parte integrante de uma discussão cultural (axiológica) em grande escala: ele responde ao já dito, refuta, confirma, antecipa respostas e objeções potenciais, procura apoio etc.” (FARACO, 2009, p. 59). É o que pode ser declarado a seguir:

[...] todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o aspecto estilístico. (BAKHTIN, 2010, p.86).

De acordo com essa assertiva teórica, o discurso é construído dialogicamente no emaranhado discursivo de outros enunciados reportados ou a serem reportados. Essa dialogicidade do discurso é apresentada por Faraco (2009) cujas formulações defendem que todo enunciado é um réplica, não deixa de se orientar para o “já dito”, até mesmo quando é iluminado por outros *discurso que já falaram sobre ele*. Ainda assim, todo dizer é orientado para uma réplica, ou seja, para um resposta; por fim, todo esse dizer, por ser heterogêneo, ele é o espaço de articulação de várias vozes sociais, o que nos faz compreender que todo dizer é internamente dialogizado.

Em essência, compreendemos que conceber a linguagem, sob essa perspectiva dialógica, é considerá-la como acontecimento social, resultado de uma atividade de comunicação social constituída em condições específicas de uma dada interação verbal de um ou mais enunciados marcados pela alternância entre sujeitos e pelo tom valorativo. (SOUZA, 2002). Essa compreensão tanto da linguagem quanto do discurso reflete a necessidade de retratarmos uma das dimensões do enunciado, que é o discurso reportado, conceito muito caro a nossa análise.

3.2 O discurso reportado

Esta é uma das formas de manifestação do dialogismo na linguagem. A respeito da incorporação do discurso reportado no enunciado, Fiorin (2006) afirma que há duas formas de se inserir o outro no enunciado:

- a) o discurso citado – identificável, isto é, nitidamente separado do discurso citante, o que Bakhtin nomeia de discurso objetivado;
- b) o discurso bivocal – internamente dialogizado; por isso, não há indícios no fio discursivo da diferença entre o discurso citante e o reportado.

Contudo, independente da forma de incorporação do discurso de outrem, os enunciados são sempre constitutivamente ideológicos, históricos, pois em qualquer que seja o domínio da vida,

[...] nossa fala contém em abundância palavras de outrem, transmitidas com todos os graus variáveis de precisão e imparcialidade. Quanto mais intensa, diferenciada e elevada for a vida social de uma coletividade falante, tanto mais a palavra do outro, o enunciado do outro, como objeto de uma comunicação interessada, de uma exegese, de uma discussão, de uma apreciação, de uma refutação, de um reforço, de um desenvolvimento posterior, etc., tem peso específico maior em todos os objetos do discurso. (BAKHTIN, 2010, p. 139).

O discurso reportado (ou discurso alheio, ou discurso de outrem, ou relatado) trata, grosso modo, da inclusão de outro discurso dentro de um determinado tema, como forma de retomar ou inserir um novo ponto de vista. Para Volóchinov (2017, p.249), “[...] o ‘discurso alheio’ é o discurso dentro do discurso, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado.”, já que carrega a presença explícita da palavra de outrem na construção do enunciado.

Contudo, Faraco (2009, p.140) alerta-nos que “[...] reportar não é fundamentalmente reproduzir, repetir; é principalmente estabelecer uma relação ativa entre o discurso que reporta e o discurso reportado; uma interação dinâmica dessas duas dimensões”. Nesse sentido, o sujeito-autor, aquele que se reporta à enunciação de outrem consegue construir um discurso multivocal e administra essa pluralidade discursiva, através de diferentes técnicas para reger esse coro de vozes.

Ora, se reportar não pode ser tomado como reproduzir, implica dizer que se trata de uma operação de diálogo, de avaliação, de confirmação, de concordância, de negação, de questionamento e de refutação daquilo que é o discurso fonte. Por isso, concordamos com

Cunha (2005, p. 112), quando defende que “[...] essa operação é de um enxerto entre dois tecidos. A inserção de uma citação supõe o trabalho do sujeito que cita, que o fragmento de discurso selecionado não é neutro para o receptor”. A esse respeito, essa pesquisadora defende que estão imbuídos no ato de seleção e de inserção do discurso alheio o julgamento, a avaliação e a valoração daquele que o faz. No tocante a isso, compreendemos que toda comunicação discursiva,

[...] todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (BAKHTIN, 2016, p.54).

Destarte, é compreensível afirmar que esse discurso reportado não se exaure na citação, dado que, como afirmamos anteriormente, expressa uma apreensão valorada da palavra de outrem. Contudo, “[...] a palavra reportada se torna parte da palavra que reporta e que, portanto, tem que, de qualquer modo, compor-se com esta, torna o diálogo da palavra na palavra bem diferente do diálogo comumente entendido.” (PONZIO, 2011, p. 31). Diante disso, percebe-se uma relação ativa entre a palavra, como amálgama de dois discursos, o que nos leva a entender que o discurso fonte pode ser mais ou menos marcado por aquele que ele recupera ou pode ser relativamente percebido por aquele a quem é o destinatário.

Por fim, saliente-se a produtividade dessa concepção dialógica da linguagem para os estudos de discurso, pois não se ocupa de, a partir de uma análise histórica, ver o texto apenas como um documento de descrição de uma dada época, mas “[...] transformar-se numa fina e sutil análise semântica, que vai mostrando aprovações ou reprovações, adesões ou recusa, polêmicas ou contratos, deslizamentos de sentido, apagamentos, etc.” (FIORIN, 2016, p. 65).

Retornando à compreensão sobre discurso reportado, entendemos que, se a palavra é tomada a partir do discurso reportado, todo enunciado é matizado por relações dialógicas; logo todo enunciado é concreto e vivo, do qual trataremos mais à frente. De forma análoga ao discurso reportado, o enunciado de outrem penetra a estrutura de outro enunciado na cadeia da comunicação discursiva, a fim de promover relações dialógicas e ideológicas.

3.3 A noção do enunciado concreto: unidade de comunicação discursiva

É através dos enunciados que a vida entra na língua, mas também é através destes que a língua adentra a vida. Nas palavras de Bakhtin (2016, p. 16-17), “[...] a língua passa a

integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”. Assim sendo, em toda situação da vida, o sujeito necessita desta unidade de comunicação verbal para organizar, construir o seu discurso, a sua enunciação. Ora, se o discurso reflete e refrata as ideologias da sociedade na qual vivemos, o enunciado, certamente, conjectura esses posicionamentos discursivos, bem como a expressão do falante, suas entonações, a um *auditório social*.

Todavia, o enunciado não é só formado pela palavra, antes ele é um compósito dessa palavra juntamente com uma parte extraverbal, ou seja, respectivamente, uma junção da forma composicional e de uma forma arquitetônica. A partir desse raciocínio, depreendemos que, em cada utilização da linguagem, no instante das interações sociais, a palavra é sempre endereçada para o outro, para um ouvinte – auditório social – o qual tem sempre uma posição responsiva em relação ao que lhe foi enunciado: pode discordar, concordar, completar, polemizar e reutilizar. Ela é constituída por um jogo ideológico; modelada por um *projeto de dizer*; matizada por tonalidades dialógicas e discursivas. Desse lugar, nasce o enunciado como uma unidade viva, real e concreta da comunicação discursiva.

As noções de enunciado/ enunciação são muito caras aos estudos bakhtinianos, pois põem em relevo o aspecto extraverbal da linguagem; em visibilidade, o sujeito e sua historicidade. No que se refere a isso, Brait e Melo (2014, p. 65) defendem que essas noções são nevrálgicas ao pensamento de Bakhtin, pois a “[...] linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos”.

Nesse mote raciocinativo, trazemos a oportuna elucidação de Bakhtin para afirmar que a natureza do enunciado é tecida por fios ideológicos que tocam outros fios do discurso do interlocutor, a fim de promover um diálogo social. E, tendo esse diálogo estabelecido, torna-se incessante a celebração de novos sentidos. A esse respeito, esse estudioso postula que:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto. (BAKHTIN, 2002, p.86)

Dessa maneira, esse teórico russo lança luz sobre a natureza do enunciado, ao qualificá-lo como uma unidade da comunicação que revela para além de uma posição no mundo daquele que enuncia. Conforme exposto, o enunciado é a correia de transmissão das

ideologias e das historicidades que permeiam os sujeitos enunciador e ouvinte, circunscrevendo este a uma compreensão ativamente responsiva.

Essa natureza ideológica do enunciado revela, à luz de Souza (2002), a ação de forças *centrípetas* e *centrífugas* no interior dessa unidade de comunicação discursiva, pois, ao passo que revela o diálogo contínuo com outros discursos e ideologias, comprova também que ele é preñado de valorações individuais. Visto ainda desse prisma, o enunciado é capaz de possibilitar a continuidade de novas dizibilidades, haja vista que ele é o *elo na cadeia verbal* de muitos outros enunciados. Ao contrário da oração, ele é emoldurado pelas peculiaridades discursivas, isto é, sustenta um feixe de significações construído a partir de fios dialógicos e ideológicos que entretecem o grande tecido da comunicação discursiva.

Brait e Melo (2012, p. 63, *itálicos dos autores*) afirma que “[...] *grosso modo*, é possível dizer que *enunciado*, em certas teorias, equivale a frase ou a sequências frasais”, já em outras, o enunciado adquire um ponto de vista pragmático-discursivo, e “[...] é concebido como unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado”. Esse enunciado contextualizado chama-se de concreto, e segue o fluxo do processo de interação social entre os participantes da enunciação.

Tratemos, pois, da diferença entre oração e enunciado. Bakhtin (2016) apresenta a diferença entre oração e enunciado. A primeira se limita à forma; por essa razão, é desprovida de valoração, de contexto. O enunciado, por seu turno, quer sempre ser ouvido, já que sempre tem um auditório social; está inserido em contextos e exposto às enunciações que têm prolongamentos. Logo, sua significação não é integral, antes se concretiza no contexto extraverbal. Para além disso, o enunciado está intrinsecamente conectado ao gênero discursivo, uma vez que nele se percebe a vinculação entre o momento concreto e individual da enunciação a um campo de atividade humana da linguagem.

A efeito de melhor compreensão, com base em Souza (2002), apresentamos um resumo das principais diferenças entre oração e enunciado:

Quadro 1: Comparação entre oração e enunciado.

ORAÇÃO	ENUNCIADO
É um fato gramatical, é dado	É um fato real, é criado
É uma unidade da língua	É uma unidade da comunicação verbal; unidade do gênero
Possui um acabamento gramatical	Possui um acabamento real
Não é marcada pela alternância de enunciadores	Há alternância de sujeitos enunciadores, o que comprova a comunicação verbal, real e vida

O contexto da oração é o contexto do discurso de um único e mesmo sujeito falante	Liga-se ao contexto extraverbal
Não pertence a ninguém e não se dirige a ninguém.	Tem autor e destinatário

Fonte: Elaboração própria, a partir de Souza (2002).

Quanto a essa diferenciação, a oração é um fato gramatical, uma unidade da língua, que possui fronteiras e leis gramaticais, isto é, “[...] um pensamento relativamente acabado, correlacionado de forma imediata com outros pensamentos do mesmo falante no conjunto do seu enunciado.” (BAKHTIN, 2016, p. 31); por isso, tem sempre um acabamento gramatical que não expressa a alternância de sujeitos falantes e não se vincula de forma pessoal com a situação extraverbal. Essa proposição linguística não leva em conta a comunicação verbal dinâmica, real e viva da língua; conseqüentemente, não expressa alternância de interlocutores, ou seja, o contexto da oração é o contexto do discurso do locutor. Em contrapartida, no âmbito da linguagem como interação, a partir do seu funcionamento real e concreto, podemos entender o enunciado como sendo concreto, real.

Na visão desse estudioso russo, o Enunciado Concreto é a unidade de comunicação verbal, aquela que forma os gêneros discursivos. Reporta-se sempre a um evento real, em um contexto específico de comunicação, amalgamado de aspectos sociais, históricos e ideológicos. Por fim, tem sempre um acabamento e pausas reais, já que é o locutor que lhe confere uma tonalidade específica de dizer. Diferentemente da oração quanto aos outros aspectos, é orientado para um interlocutor; em outros termos, é um *projeto enunciativo* de alguém para outro alguém.

Nessa perspectiva, o enunciado se define a partir de uma concepção de língua dinâmica, a partir de seu funcionamento real e concreto. Ele é conduzido por um vínculo social que lhe dá o estatuto da alternância de enunciadore. É, ainda assim, o produto de vivências subjetivas e históricas de cada sujeito que não pode ser encerrado, única e minimamente, em cláusulas constituídas por formas de uso gramatical; contudo, é dotado de uma dada expressividade emotiva que organiza o uso dessa forma, atribuindo-lhe a produção de sentidos construídos no social.

Desse modo, o sentido da palavra, do enunciado não está dado *a priori*; está determinado por uma situação extraverbal que se concretiza na interação entre enunciadore. Ora, se o enunciado é concebido no social, a palavra que a ele pertence não pode ser congelada, pois não é neutra, tampouco unívoca. Não pode homogênea, pois ela desliza-se, atualiza-se em cada enunciação. Ela é, pois, objeto de expressividade e de valoração.

Para Bakhtin (2003), o enunciado, unidade real do discurso, pode ser falado ou escrito, pressupõe um ato de comunicação social. E nesse processo enunciativo há uma interação entre os sujeitos falantes. Ao ouvir e compreender um enunciado, o interlocutor assume uma postura responsiva e não passiva, isto é, posiciona-se diante do enunciado, seja acordando, divergindo, complementando, enfim, posicionando-se no ato enunciativo.

Souza (2012), retomando Bakhtin, ao caracterizar enunciado concreto, sistematiza-o nas seguintes particularidades constitutivas:

- a) a alternância de enunciadores;
- b) a noção de acabamento específico do enunciado:
 - b.1 a exaurabilidade do objeto (tema);
 - b.2 o intuito, o “projeto-de-dizer” do locutor;
 - b.3 as formas composicionais do gênero do acabamento;

c) a relação do enunciado com o próprio enunciador e com os outros parceiros da comunicação verbal.

A primeira particularidade constitutiva do enunciado, a alternância dos enunciadores, revela-se porque antes do seu aparecimento, outros enunciados já existiam e, conseqüentemente, serão reportados ao que dito “novo”. Destarte, depois de seu término, o enunciado também suscitará réplicas, pois “[...] o falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva.” (BAKHTIN, 2012, p. 29). Dito de outro modo, é o contexto do enunciado o responsável por circunscrevê-lo em relação aos outros enunciados. É a alternância dos sujeitos enunciadores “[...] que emoldura o enunciado e cria para ele a massa firme, rigorosamente delimitada dos outros enunciados a ele vinculados.” (BAKHTIN, 2016, p.35).

A segunda peculiaridade, a noção de acabamento, desdobra-se em três fatores, os quais estão ligados, indissociavelmente, ao construto do enunciado. A conclusibilidade do enunciado é a manifestação interior do modo de alternância dos sujeitos falantes, que se revela quando o locutor (diz e/ou escreve) o que queria, sob condições precisas. Desse modo, “[...] o primeiro e mais importante critério de conclusibilidade é a possibilidade de responder a ele.” (BAKHTIN, 2016, p.35). Nesse sentido, reiteramos que, para responder ao enunciado, alguma conclusibilidade se faz necessária; de outra forma, medimos o acabamento de um enunciado mediante aquilo que o falante quer dizer, da forma como diz. É assim, pois, que medimos o tratamento da exaurabilidade semântico-objetual do tema do enunciado.

Outra peculiaridade do acabamento relativo do enunciado corresponde ao querer-dizer do locutor, isto é, ao seu projeto enunciativo. Essa intenção discursiva do falante está sempre

dotada de uma expressividade ou por uma vontade de gerar sentido. Essa característica é, em essência, cara a nossa análise desenvolvida no próximo capítulo. Essa expressividade do enunciado possui vínculos estreitos com o conceito de tom valorativo e com o aspecto emotivo-volitivo da linguagem. No que concerne a essa peculiaridade, Bakhtin (2016, p.47) nos afirma que “[...] nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível”.

A última peculiaridade do acabamento se refere às formas estáveis de gênero do enunciado, da qual falaremos mais à frente, quando tratarmos do gênero discursivo. Grosso modo, entendemos que para enunciar os sujeitos se utilizam dos gêneros do discurso, ou seja, todos os enunciados apresentam uma forma padrão relativamente estável de estruturação de um todo comunicativo. Em outras palavras, o gênero é esse compósito de uma forma fixa, dada na língua, mas, ao mesmo tempo, de fronteiras históricas não dadas *a priori*. Desse modo, concebe-se que toda intenção discursiva do falante é constituída dentro de uma escolha de certo gênero discursivo. Ressalte-se, porém, que essas formas do gênero, relativamente estáveis, com as quais moldamos nossa fala diferem das formas da língua, no que se refere à estabilidade e de sua normatividade para o locutor. Em geral, aquelas são mais elásticas, mais fluidas do que as formas da língua.

A última particularidade constitutiva do enunciado diz respeito à relação do enunciado com o enunciador. Dessa forma, entendemos que o enunciado se configura a partir de um conteúdo semântico-objetual, que está vinculado à composição do gênero e ao estilo, mais especificamente à escolha do gênero e aos seus aspectos linguísticos peculiares. Isso implica dizer que a relação de valoração do enunciador com o objeto do seu discurso é determinada pela escolha dos recursos gramaticais e composicionais do enunciado. Além disso, a composição e o estilo não são unicamente responsáveis pela valoração do enunciador atribuída ao objeto de seu discurso; reitere-se, nesse sentido, que a relação desse enunciador com os enunciados de outros enunciadores é, também, determinante por essa relação valorativa. Por ser assim, concordamos com Pereira e Rodrigues (2014, p.182), ao afirmarem que “[...] é no extraverbal, compreendido como a sua dimensão social, que o caráter social do enunciado se constitui e se confirma, ou seja, que ocorre o trabalho da ideologia e da valoração que lhe é decorrente”.

3.4 O tom apreciativo em Bakhtin

Conforme vimos, outra característica do enunciado concreto é a entonação expressiva, ou tom valorativo, ou valoração. A esse respeito, consideramos que todo enunciado é coberto por um arranjo de valores cuja referência se encontra na enunciação, isto é, nas condições específicas em que foi produzido. Esses valores não só remetem à enunciação, mas às relações sociais e ideológicas existentes entre o falante e o ouvinte. Desse modo, entendemos que

A enunciação tem sempre um valor – tanto no sentido de que esta expressa uma avaliação, uma orientação, uma tomada de posição, quanto no sentido de que é objeto de avaliação – que remete para além do sistema de valores que é a própria língua. O valor da enunciação interpretada pelo enunciador interage com o sentido avaliador do interlocutor, uma vez que a própria formulação – a escolha das palavras, a sua colocação sintática – está em função deste último, sofre as consequências da relação proximidade/distância avaliadora (acordo/desacordo). (PONZIO, 2011, p. 25).

Conforme citado, a entonação valorativa é um elemento constitutivo do enunciado. E é justamente por meio dessa entonação que o locutor enreda-se socialmente e assume ativamente uma dada posição no mundo social. Ela é constituída de avaliação, de uma tomada de posição quanto ao objeto do discurso do locutor. Essa interpretação do locutor, também, é objeto de valor, de apreciação do interlocutor. É justamente essa fusão de avaliações, ponderações, pontos de vista que entretece a natureza do enunciado.

Ora, se é através da linguagem que atribuímos valores a nós mesmos e aos outros, fica claro, então, que as ideias de Bakhtin e de seu Círculo estão ligadas ao conceito de dialogismo vinculado ao de interação. Os discursos, nessa compreensão, são entendidos como tramas de relações dialógicas constituídas e avocadas por um sujeito e expressas pela linguagem por meio de um ponto de vista. Nesse sentido, o outro é indispensável nesse processo. Partindo dessa ideia, a TDL concebe o sujeito enunciator a partir de perspectiva histórico-sócio-cultural, já que este é interpelado por uma réplica, em forma de ação, apreciação ou concordância a um discurso já dito.

Bakhtin, em “O problema do conteúdo, do material e da forma”, publicado em 1924, concebe

Por aspecto entonacional da palavra compreendemos a sua capacidade de exprimir toda a multiplicidade das relações axiológicas do indivíduo falante como o conteúdo do enunciado (no plano psicológico a multiplicidade das ações emocionais e volitivas do falante). [...] A atividade do autor torna-se a atividade de uma avaliação expressa, que matiza todos os aspectos da

palavra: a palavra invectiva, acaricia, é indiferente, denigre, decora, etc. (BAKHTIN, 1993, p. 64-65).

Com base nessa assertiva teórica, a palavra do enunciado congrega os movimentos de interpretação, os pontos de vista e a expressividade do sujeito enunciatador. Contudo, a “[...] a emoção, o juízo de valor e a expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo do emprego vivo da enunciação.” (BAKHTIN, 2016, p.51). Esse aspecto da tonalidade apreciativa é gestado pelas relações axiológicas, pelos valores ético-morais atribuídos do enunciatador para o conteúdo do objeto do discurso. Ademais, são as ações expressivas dotadas de aspectos emotivos e volitivos do falante que tornam a palavra acentuada de um dado tom apreciativo. Emoção e volição representam, nessa ordem, expressividade e desejo do falante, isto é, o objeto do seu discurso é abalizado por aquilo que esse enunciatador toma como parâmetro social para avaliar, comensurar, ornamentar, denegrir, por exemplo.

É sob essa mesma perspectiva que os estudos dialógicos defendem o pensamento de que, referente aos usos linguísticos, cada dia tem seu acento. Logo, a língua está preta de sentidos e de valorações. Ela se atualiza ao sabor concreto das enunciações, as quais podem ocorrer por meio das nominações. Ao nomear, os sujeitos evidenciam as forças que regulam as ideologias dos campos discursivos a que se filiam. A nomeação, portanto, está para o envolver-se no discurso, significa a participação no diálogo.

Retomando a questão do desejo e da vontade inerentes ao aspecto emotivo-volitivo do falante, percebemos que o discurso, nesse sentido, é concebido como um arranjo que, arquitetonicamente planejado, reflete e refrata os posicionamentos axiológicos e ideológicos do falante. Assim, o tom apreciativo, visto dentro do estilo do gênero, representa

[...] a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O estilo individual do enunciado é determinado principalmente pelo seu aspecto expressivo (BAKHTIN, 2015, p. 289).

Com efeito, pode-se afirmar que o fato de a expressão da valoração do falante refletir a relação subjetiva que ele possui com o conteúdo do objeto, aquela não pressupõe uma atividade que seja do âmbito individual, antes esta penetra o lugar social. Contudo, também está vinculada às escolhas individuais desse falante. A entonação possui sustentação na

coletividade, pois ela “[...] é a materialização de uma avaliação social, a expressão ‘sonora’ da valoração, sendo, portanto, toda entonação expressiva. Sensível às mais elementares mudanças sociais, é na entonação do enunciado que a avaliação social encontra antes de tudo sua expressão.” (RODRIGUES, 2001, p. 27).

Nas lentes de Bakhtin, em “Para uma filosofia do Ato Responsável”, o sistema de apreciação (ou a relação ao valor) é, antes de tudo, a manifestação do pensamento que age no mundo, sendo este de natureza emotivo-volitiva, como já dissemos. Nesses termos, esse filósofo defende que

[...] nenhum conteúdo seria realizado, nenhum pensamento seria realmente pensado, se não estabelecesse um vínculo essencial entre o conteúdo e o seu tom emotivo-volitivo, isto é, o seu valor realmente afirmado por aquele que pensa. Viver uma experiência, pensar um pensamento, ou seja, não estar, de algum modo, indiferente a ele, significa antes afirmá-lo de uma maneira emotivo-volitivo. (BAKHTIN, 2012, p. 87).

Diante dessa afirmação, depreende-se que o tom apreciativo penetra infinitamente em todos os conteúdos do pensamento. Essa entonação de apreciação discursiva relaciona, de forma orgânica, todo o conteúdo do pensamento com o existir - evento singular, ou seja, tudo aquilo que o falante enuncia diz respeito a sua experiência, ao ato de pensar e de existir no mundo. Dessa forma, o sujeito falante é imiscuído nesse evento de apreciação valorativa, já que ele possui a razão e é capaz de pensar.

Ainda para Bakhtin (2012), o tom apreciativo não se refere ao conteúdo, percebido de forma isolada, mas a sua correlação com o falante no evento singular do existir que o envolve. Essa apreciação, porém, não está dada no contexto das práticas cotidianas, mas no conjunto dessas práticas, somadas ao pensamento singular do falante e à incorporação do existir-evento unitário e singular.

Sob esse entendimento, o tom emotivo-volitivo irrompe o lugar da possível nulidade, uma vez que ele revoga exatamente o lugar da experiência, do pensar-agir com o pensamento. Em suma, ele penetra em tudo o que é verdadeiramente vivido, a partir de uma singularidade de natureza absolutamente irrepetível.

3.5 Gêneros do Discurso

O campo dos estudos teóricos de Bakhtin proporcionou a irrupção do conceito gênero discursivo. Porém, a definição de gênero é dada na era Clássica: na “Poética”, Aristóteles concebe os gêneros como mimese, representação do mundo, dada pelas obras de voz; Platão

tratava, anteriormente, em “A República”, como representação e realidade. Essa herança explica, evidentemente, “[...] o fato de a teoria de gênero ter se tonado a base dos estudos literários desenvolvidos na cultura letrada.” (MACHADO, 2014, p.152).

Bakhtin e seu Círculo, por seu turno, fizeram a defesa do romance como gênero literário, trataram o romance de Dostoiévski como polifônico; para além disso, conceberam “[...] os gêneros como uma das forças sociais de estratificação da língua (uma das forças centrífugas)” (RODRIGUES, 2005, p. 162). Mas, no que se refere aos estudos clássicos, Bakhtin alarga as fronteiras da compreensão de gênero para abarcar todas as práticas linguageiras, não só restritas ao domínio poético ou da retórica. Machado (2005, p. 133), a partir dessa compreensão, afirma que

[...] o gênero não pode ser concebido senão como um conceito plural: reporta-se às transformações combinatórias da linguagem em suas dimensões verbal e extraverbal. Além disso, articuladas formas discursivas criadoras da linguagem, de visões de mundo e de sistema de valores configurados por pontos de vista determinados. O conceito de gênero segundo a abordagem dialógica de Bakhtin é instância de criação e acabamento do projeto estético.

Conforme apresentado, o gênero é chancelado por um conceito plural. Partindo da premissa de que as esferas das atividades humanas possuem grau e força vário e, que a partir delas se constituem os gêneros, pode-se concluir que a variedade de gêneros é dada como incessante, pois as possibilidades de comunicação – tanto orais quanto escritas – são abundantes, já que o falante da língua tem ao seu dispor arranjos inesgotáveis para a comunicação discursiva. Dessa forma, justifica-se a emergência do conceito de heterogeneidade dos gêneros, o qual elucida que, apesar de existir diversos gêneros, sempre há entre eles traços em comum. Nesse sentido, Bakhtin (2016) ressalta que essa heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos) congrega a curta réplica do diálogo cotidiano, a carta, as variadas formas de exposição científica e todos os modos literários etc.

A partir desse conceito de heterogeneidade, torna-se difícil a missão de definir o caráter genérico do enunciado. E, diante dessa problemática, Bakhtin (2011) elabora a classificação dos gêneros discursivos bastante ampla, salientando a diferença efetiva existente entre os gêneros do discurso primário (simples) e secundários (complexos): aqueles como enunciados espontâneos, constituídos da vida cotidiana, produzidos face a face nas relações corriqueiras. Já os gêneros do discurso secundário, mais complexos, como aqueles que são produzidos em situações de troca de valores culturais das sociedades como um todo. São

constituídos pelos gêneros, principalmente, da escrita, desenvolvidos nas áreas artística, científica e sociopolítica.

Sob esse entendimento, o gênero do discurso não pode ser concebido como uma forma da língua dada *a priori*, mas como uma manifestação do enunciado *relativamente estável* que, como tal, recebe uma dada expressividade, uma entonação apreciativa. Na concepção de Machado (2014, p. 155-157), os gêneros são “[...] formas comunicativas que não são adquiridas em manuais, mas sim nos processos interativos”. Como já dissemos, os gêneros discursivos estão relacionados às práticas cotidianas, aos propósitos comunicativos dos falantes e a temas tipicamente inerentes à comunicação discursiva e, por conseguinte, a certos pontos de contato típicos entre as significações da palavra e a realidade concreta, isto é, o discurso.

São os gêneros que organizam o discurso do sujeito falante. Sendo assim, “[...] os gêneros do discurso se tornam modelos padrões da construção de um todo verbal, como que um a tipologia estilístico-composicional das produções verbais.” (SOUZA, 2002, p.99). Bakhtin constitui o gênero como um trajeto de composição e acabamento de um todo, cujas dimensões podem ser sinalizadas: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Em outras palavras, possui um tema ideológico a que se refere, um modo de dizer (entonação) e uma estrutura. Mas, a esse respeito, apresentamos a seguinte elucidação teórica:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados* (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2011, p. 261-262).

A partir desse apontamento teórico, compreendemos que os gêneros do discurso são atividades relativamente estáveis, plasmadas de uma construção composicional, que está relacionado ao modo de organização, a uma estrutura, sujeita às demandas da interlocução. Já

no que se refere ao estilo, há claramente a evidência da seleção dos recursos linguísticos, isto é, as frases gramaticais, bem como sua compreensão ativa do enunciado que está sendo proferido.

Ainda sob esse recorte teórico, defendemos que essa tríade apresentada pelo teórico russo – o estilo, a forma composicional e o tema – são três aspectos fundamentais do gênero. O tema ou conteúdo temático, por sua vez, não pode ser tomado sinonimamente como “assunto”, pois ele é concreto, isto é, ele é oriundo de uma situação histórica concreta que deu origem ao enunciado; determinado não só pelos elementos verbais, mas também pelos componentes não verbais da situação, o tema, nas palavras de Sobral (2009, p.75)

[...] só é entendido quando se levam em conta os elementos extra-verbais da enunciação ao lado dos elementos verbais; o tema não é fixado, mas dinâmico; é uma mobilização de formas da língua segundo as condições da enunciação, é o lugar em que significação + enunciação produzem sentido.

Para além do tema, a forma composicional está ligada à forma arquitetônica que é dada no “projeto de dizer” do locutor. “Não se confunde com um artefato, ou forma rígida, porque pode se alterar de acordo com as alterações dos projetos enunciativos” (SOBRAL, 2009, p. 118). O estilo está na engrenagem do enunciado, pois ele é um jazigo de posicionamentos valorativos do falante. O estilo é dado por uma construção dialógica e ideológica, pois ele reproduz “[...] a expressão da comunicação discursiva específica do gênero e expressão pessoal, mas não subjetiva, do autor ao criar uma nova obra no âmbito de um gênero” (SOBRAL, 2009, p. 118).

Ainda conforme o exposto, a linguagem perpassa todos os campos da comunicação discursiva e, como tal serve a construção de enunciações e de enunciados. O gênero, nessa ordem, é sempre orientado à realidade, à vida por meio de seus conteúdos temáticos, de formas para conceituar a realidade, por meio de enunciados concretos. De forma semelhante à linguagem, os gêneros são, em decorrência, “sistemas históricos”, isto é, agrupa em si a estabilidade do sistema (normas da língua) e a instabilidade da história (as vicissitudes dos acontecimentos). Portanto, dessa fusão, depreende-se que ele é *relativamente estável*, pois congrega a sistematicidade da língua e as fronteiras imprecisas da história. Essa fusão é produtiva, pois sem a sistematicidade o gênero seria dotado de uma dada instabilidade, e, sem imprecisão ativada pelo dispositivo histórico, ele cairia em zona de estabilidade.

Sobral (2009), retomando Bakhtin, afirma que o gênero é dotado de uma organicidade, o que presume alguns principais aspectos do caráter estável-dinâmico, os quais lhe são inerentes:

1. Ele é constituído de uma lei orgânica, ou seja, não há nada externamente que venha se impor a ele;
2. É dotado de um certo tom, de uma certa linguagem, que não tem vínculo com as formas fixas;
3. Não possui uma lógica abstrata; logo, não é rígido, mas dinâmico e concreto;
4. Apresenta sempre o novo – singularidade e impermanência.

A partir desse delineamento teórico, o gênero é concebido com um dispositivo (mas não um artefato). Não se trata de estruturas rígidas de enunciados, já que o domínio da comunicação discursiva possui uma lógica orgânica, que está sempre sujeita a transformações, a novas avaliações. Então, no âmbito da comunicação discursiva, apesar de as formas e os tipos serem normativos, essa normatividade é mutável porque o falante é dotado de uma capacidade linguística criativa. Mas, ao mesmo tempo, “[...] o ambiente sociohistórico requer a cristalização de formas (e mesmo de fórmulas!) para que se tenha de “reinventar” a cada vez que se fala os modos de falar.” (SOBRAL, 2009, p.116).

Enquanto conceito, como apresentamos até aqui, os gêneros discursivos são determinados como “[...] unidades sociodiscursivas ilimitadas e formas de ação social, considerados como atividades socioculturais maleáveis, dinâmicos e plásticos, os quais surgem e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem.” (MARCUSCHI, 2002, p. 19). São tipificações sociais que, estreitamente ligadas ao enunciado, apresentam traços regulares, mas também circunscrições históricas construídas nas interações do falante. Sendo assim, é indispensável

[...] compreender os gêneros a partir de fundamentos nucleares, como a *concepção sócio-histórica e ideológica da linguagem, o caráter sócio-histórico, ideológico e semiótico da consciência e a realidade dialógica da linguagem e da consciência*; portanto, não dissociá-la de suas noções de interação verbal, comunicação discursiva, língua, discurso, texto, enunciado e atividade humana, visto que é somente nessas relações que se pode apreender, sem reduzir, a concepção de gêneros. (RODRIGUES, 2005, p. 154, grifos da autora).

Por fim, nesse jogo de constituição, o gênero toma uma corporeidade, uma forma, que dentro de uma esfera da comunicação discursiva, assume uma dada função socioideológica particular sob condições concretas específicas, historicamente situadas nas situações de

interação verbal da vida social. Essa conjuntura social de interação estabelecida no tempo e no espaço é chamada de cronotopia, isto é, cada gênero está fundado em um diferente cronotopo.

3.6 Memes: gênero discursivo digital

O *meme*, gênero discursivo escolhido como *corpus* para análise desta investigação, possui uma estrutura com a apresentação de elementos verbais e não-verbais. Assim, as palavras e imagens autorizam o desenvolvimento da percepção de efeitos de sentido que os recursos verbais e não-verbais engendram e, naturalmente, expressam valores ideológicos dos sujeitos autores. Por seu turno, a linguagem é desenvolvida, assim como em outros gêneros, dentro de uma situação histórica e social, devendo ser os textos interpretados segundo esses fatores. Nesse sentido, deve-se observar a questão dialógica da linguagem, que fornece subsídios para construções de sentidos acerca do que está sendo lido.

O termo *meme* foi idealizado pelo cientista britânico Richard Dawkins, em seu livro “O Gene Egoísta”, em 1976, quando, de forma análoga à composição do DNA, associava a transmissão genética à cultural. Nesse entendimento, o gene, como molécula de DNA, é o dispositivo genético mais replicador do mundo; o *meme*, nessa associação, é concebido como replicador, como um transmissor cultural, tal qual o gene. Nessa ótica, pode ser considerado como mecanismo vivo, já que age sobre os sujeitos, infecta pessoas, pois “[...] quando você planta um *meme* fértil em minha mente, você literalmente parasita meu cérebro, transformando-o num veículo para a propagação do *meme*, exatamente como um vírus pode parasitar o mecanismo genético de uma célula hospedeira.” (DAWKINS, 2007, p. 330).

Em sentido genérico, esse processo é nomeado de imitação, pois

[...] um replicador é uma entidade que, dadas certas condições, intermídia a produção de cópias de si mesmo. Os memes, as ideias, seriam replicadores de uma natureza diferente. A informação de que são feitos não está inscrita em fitas de DNA, mas em substâncias muito mais tênues. As ideias são transmitidas por muitos veículos, muitas mídias. A linguagem falada no dia a dia, os rádios, os telefones, os jornais, os livros, os discos, são veículos de informações que se propagam cada vez mais rápido. (WAIZBORT, 2003, p. 25).

Como afirmamos, esse estudioso estabeleceu uma analogia entre a evolução genética e a transmissão/evolução cultural, acreditando que os *memes* eram propagadores de ideias, “[...] pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação.” (DAWKINS, 2007, p.330). Essa interpretação feita pelo cientista foi motivada por uma busca de uma palavra semelhante ao gene, que reproduzisse a maneira

como as ideias e os comportamentos sociais são disseminados na sociedade. Dawkins, a partir da observação do processo natural comparou os genes, que carregam as informações que estão nas fitas do DNA, aos *memes*, que são replicadores de comportamentos e ideias do cotidiano. O termo *meme* foi incorporado no dicionário Oxford, em 1998, e representa:

- Um elemento de uma cultura ou sistema de comportamento que foi transmitido de um indivíduo para outro por imitação ou outros meios não genéticos.
- Uma imagem, um vídeo, um texto, etc., tipicamente humorístico, que é copiado e difundido rapidamente pelos usuários da Internet, muitas vezes com pequenas variações. (OXFORD DICTIONARY, tradução nossa)

Essa gênese do termo faz alusão ao conceito elaborado por Dawkins, o qual buscou o grego *mimeme* – aquilo que pode ser imitado – pertencente ao mesmo domínio de “mímesis” e de “mímima”, que quer dizer “imitação”. Porém, “[...] para tornar a expressão mais próxima de argumentação sobre genética, com base na biologia e no conceito de evolução, procurou uma palavra que soasse como “gene”, encurtando “mimeme” para “meme”.” (MARTINO, 2015, p.177).

Os memes, sob o prisma da comunicação via *web*, são considerados o conteúdo mais prolífico e infeccioso da internet. Sua forma e performance pode ser considerada uma evolução dos chamados *emoticons*, “[...] nome dado a uma sequência de caracteres tipográficos ou umas imagens simbólicas, que representam o rosto humano e expressam as emoções dos participantes no processo de comunicação.” (JABLONKA, 2012, p. 111). Ora, sob esse vislumbre teórico, compreendemos que os *emoticons* não foram suficientes para os usuários da rede, pois além de caírem no ostracismo, referendavam um domínio monótono. Ainda para esse teórico, o motivo que provocou a irrupção do memes da internet se deu pelas seguintes razões: “[...] expressar as emoções nas situações em que faltam os meios não verbais, expressar a sua atitude perante os assuntos tratados na conversa virtual.” (JABLONKA, 2012, p.112).

Quanto ao valor social e à transmissão, os *memes* são transmitidos, essencialmente, entre os usuários da rede. Em decorrência da viralidade, da propagação rápida, eles são considerados fenômenos culturais sociais que ultrapassam a relação entre pessoas. “Essa relação entre o nível micro do compartilhamento individual e o nível macro do alcance social tornam os *memes* particularmente importantes para se entender a cultura contemporânea.” (MARTINO, 2015, p. 178). No tocante a isso, entendemos que:

A presença de memes é relacionada ao capital social, na medida em que a motivação dos usuários para espalhá-las é, direta ou indiretamente, associada a um valor de grupo. Por exemplo, as pessoas que espalham os recados com imagens acreditam estar fazendo algo positivo, que deixará aquele que recebeu a mensagem contente. (RECUERO, 2009, p. 130).

Em geral, a função principal dos *memes* é divertir, disseminar, de forma humorística, histórias engraçadas e, com isso, comentar a realidade por meio de frases curtas agregadas às fotografias, desenhos, figuras. Quanto à estruturação, são formatados com frases curtas, geralmente sem pontuação, pois querem propagar uma ideia ou um conceito de forma fácil e acessível. Para tanto, aparecem na rede prototipicamente formulados a partir de imagens, *hashtag*, *emojicons*, GIF, entre outras.

Segundo as contribuições teóricas de Bakhtin e de seu Círculo, o *meme* pode ser considerado como gênero discursivo porque está ligado *ao uso da linguagem em um dado campo da atividade humana*, efetua-se em forma de enunciados, em *tipos relativamente estáveis*, imbricado de um *conteúdo temático*, de um *estilo* e de uma *construção composicional* (BAKHTIN, 2016, p. 11-12). A fim de um melhor entendimento, apenas como ilustração, observemos a estrutura e composição deste *meme* disponível na plataforma do Google:

Figura 3 – Pastores Forbes



Fonte: <http://caviarquerda.blogspot.com.br>¹¹

¹¹ <<http://caviarquerda.blogspot.com.br/2017/10/igreja-universal-do-roubo-do-brasil.html>> Acesso em 21/01/2017.

Assim, entendemos o *meme* como um gênero discursivo, já que nele se abriga uma rede complexa de enunciados vivos, históricos e ideológicos. Constituídos de enunciados concretos, eles são formados pelas linguagens verbal e não verbal, contém um conteúdo irônico, de crítica social e de sarcasmo; ademais, também são replicadores de informações, desde a sua origem – *The Selfish Gene* (O gene egoísta) de Richard Dawkins.

Do ponto de vista lexical, as frases que acompanham os *memes* representam a capacidade inventividade do sujeito autor/produtor. Por vezes, elas representam arranjos de combinações sonoras, materializadas em neologismos ou em um jogo sonoro intertextual com as palavras. Nessa ordem de recursos, inscrevem-se: as metáforas, os trocadilhos lexicais, os comentários irônicos e de humor depreciativo.

Quanto à classificação, Recuero (2009), ao retomar Dawkins (1978) e Blackmore (1999), defende os mesmos critérios para a categorização do *meme*. Afirma, ainda, que para compreender a natureza de um *meme* é indispensável classificá-lo. Para isso, a pesquisadora estabelece critérios para classificação, com base em Dawkins, acrescentando-se o critério do alcance do *meme* na rede. Nessa compreensão, a classificação se dá: **1) Quanto à fidelidade da cópia:** são os replicadores com reduzida variação e alta fidelidade à cópia original; os metamórficos, como aqueles que completamente alterados e reinterpretados, enquanto passados adiante e, por último, miméticos compreende aqueles que, mesmo sofrendo alterações, a sua estrutura básica continua a mesma, sendo facilmente referenciáveis como imitação **2) Quanto à longevidade:** persistentes são aquele que permanecem sendo replicados por muito tempo, sendo espalhados em um largo espaço de tempo; os voláteis são aqueles que possuem um curto período de vida e, que, após ser publicado em um ou em outro blog, caem no ostracismo, desaparecendo totalmente ou se transformando em um novo *meme*. **3) Quanto à fecundidade:** são categorizados como epidêmicos, que se espalham amplamente por diversas redes; fecundos englobam os *memes* que não se tornaram epidêmicos, mas espalharam-se para grupos menores ou específicos. Por fim, **4) Quanto ao alcance:** podem ser globais aqueles que alcançam nós distantes dentro da rede, não sendo necessariamente fecundos. Tais *memes* são associados aos laços fracos porque não possuem ligação direta ou interação entre os atores; por último, os locais, presos ao domínio de vizinhança de *weblogs*. São verificados com laços fortes, pois, geralmente, surgem a partir da interação social. Abaixo, apresentamos tal divisão, de forma didática e sucinta, a fim de melhor visibilidade do quadro classificatório levantado:

Quadro 2: Classificação dos *memes*

CLASSIFICAÇÃO DOS MEMES		
Critérios		Categorização
Fidelidade da cópia	Replicadores	Fieis à cópia original
	Miméticos	Referenciáveis como imitações
Quanto à longevidade	Persistentes	Replicáveis permanentemente
	Voláteis	Impermanentes ao período de vida
Quanto à fecundidade	Epidêmicas	Espalhados amplamente como epidemia
	Fecundo	Espalhados em grupos menores
Quanto ao alcance	Globais	Trafegadores para além da interação social
	Locais	Restritos a uma determinada vizinhança

Fonte: elaboração do autor, a partir da discussão de RECUERO, 2014.

Como vimos, o *meme* é um gênero discursivo e, conforme esse quadro, pode assumir diferentes categorizações. Pensar na propagação do *meme* na rede não é uma atividade simples, tampouco é nosso objeto de análise. O nosso objeto reside em analisá-lo à luz das reflexões teórica da Análise Dialógica do Discurso. Como reflexo disso, discutimos e esboçamos, neste capítulo, pontos advindos de algumas dessas teorias da Comunicação, com o propósito de responder às questões de nossa investigação no próximo capítulo deste estudo.

CAPÍTULO IV

4 NAS TRAMAS DA COMUNICAÇÃO DISCURSIVA DOS *MEMES*: O TOM VALORATIVO

O presente capítulo tem como intuito apresentar a discussão analítica da pesquisa, por meio da leitura e da interpretação discursiva dos *memes* selecionados, visando atender aos objetivos da pesquisa.

Especificamente, apresentaremos a análise dos dados à luz da ADD. Para isso, levaremos em consideração a categoria de análise – o tom valorativo – exposta no capítulo metodológico. Em função da organização, decidimos analisar os *memes*, de acordo com os principais mecanismos axiológicos – os mais regulares – encontrados. Por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

A efeito de melhor sistematicidade e organização deste capítulo, apresentaremos o movimento de leitura e de análise em três categorias, que representam os três mecanismos mais regulares, por meio dos quais o tom valorativo se apresenta. Passemos, então, ao primeiro.

4.1 O tom valorativo expresso através do mecanismo da comparação

Acreditamos que, por meio da língua e das lentes da TDL, é possível articularmos leituras dessa materialidade verbo-visual que trazem para o cerne da discussão os modos de abordagens, as escolhas lexicais, as apreciações, as comparações/ associações/equiparações, as entonações que colocam em cena o propósito comunicativo do enunciador em *memes* a serem analisados.

A partir disso, neste primeiro momento da análise, nosso olhar se debruça sobre três *memes*, que tratam, por meio de um jogo comparativo/equiparativo/associativo do enunciador, sobre temáticas específicas do movimento religioso neopentecostal: questões econômicas, mais especificamente, as práticas de extorsão e de charlatanismo. Correspondentemente, esses enunciados se constroem em referência a três televangelistas neopentecostais: os intitulados apóstolo Valdemiro Santiago, Bispo Edir Macedo e o Pastor Silas Malafaia, nessa ordem.

Primeiramente, é necessário afirmar que o movimento neopentecostal teve seu início no Brasil, na metade dos anos 1970, cuja base teológica abarca temas como: a teologia da prosperidade, oração em línguas estranhas (angelicais), confissão positiva (ativada pelo poder

da palavra), expulsão de demônios, constituída pela "guerra espiritual" contra o diabo e seus demônios. Essa prática religiosa fundada nessa visão paradigmática é, substancialmente, reconhecida dessa forma:

1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da teologia da Prosperidade; 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade. Uma quarta característica importante, ressaltada por Oro (1992), é o fato de elas se estruturarem empresarialmente. (MARIANO, 1999, p. 36).

Sob esse horizonte de compreensão acerca dessa teologia, a prosperidade é um dos objetos mais frequentes de exposição “bíblica” dos pastores dessas igrejas, pois parece funcionar como um dispositivo da fé, por meio do qual as igrejas têm a capacidade de se estruturar financeira e empresarialmente. Para tanto, os seguidores – membros dessas igrejas – são ensinados “[...] que os que são verdadeiramente fieis a Deus devem experimentar prosperidade financeira.” (VARGENS, 2017, p. 22). Essa construção socioideológica do movimento neopentecostal fomenta, sobretudo, que “[...] a prosperidade está aberta a todos, mas é preciso que se dê a maior quantia de dinheiro para a igreja, pois só assim o fiel conseguirá a satisfação de seus problemas terrenos.” (NUNES, 2006, p. 128).

No tocante a esta análise, mais precisamente com base no primeiro *meme* a ser analisado, encontramos dois sujeitos, postos um ao lado do outro. À esquerda, o apóstolo Valdemiro Santiago; à direita, o espírita brasileiro Chico Xavier. Por ordem de apresentação, o apóstolo é o fundador da Igreja Mundial do Poder de Deus (doravante, IMPD), a qual, socialmente, mantém uma prática de doutrinação da “prosperidade” e de “cura divina”; funciona com um verdadeiro império de riqueza, totalizando mais de 900 mil seguidores e 4.000 templos distribuídos em todo o país, segundo a Revista Forbes. Como estratégia de angariar mais recursos financeiros, essa igreja tem investido tanto em programas de TV e de rádio, jornal e livros, quanto na narração dos testemunhos dos fiéis que receberam o “milagre impossível”, após receberem a oração do fundador, o qual pode, também, ser descrito assim:

Valdemiro Santiago: Apóstolo e líder da Igreja Mundial do Poder de Deus. Formado pela Ordem dos Teólogos Evangélicos da América Latina. Santiago teria sido expulso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), mas Valdemiro afirma que ele deixou a igreja em sua própria vontade depois de alguns desentendimentos com o bispo Edir Macedo, líder da IURD. Ele fundou a Igreja Mundial do Poder de Deus logo depois que saiu da IURD. Em um curto período de tempo, a igreja já tinha templos cheios de membros em todos os estados brasileiros (ANDRADE, 2014, p. 99).

Essa é apenas uma avaliação de um de seus críticos, mas outras pessoas, obviamente, podem descrevê-lo de forma diferente à anterior. Porém, gostaríamos de ressaltar que, apesar de uma performance de frugalidade – chapéu de fazendeiro – acompanhada de choro e de uma fala espontânea e informal, o dissidente da IURD, em janeiro de 2013, teve seu patrimônio avaliado pela Revista Forbes em aproximadamente 220 milhões de dólares (cerca de R\$ 450 milhões). Ao sensibilizar os fiéis nos cultos ou por meio dos programas de rádio e de televisão, por meio de um choro frequente, o referido apóstolo afirma sofrer de perseguições da imprensa e de seus inimigos; ratifica, também, ter sérias dificuldades quanto à falta de recursos para pagamento das despesas eclesiais, bem como dos programas televisivos. No início do ano de 2017, em um de seus cultos, Santiago¹² faz um apelo a 8 mil pessoas para ofertarem uma quantia de R\$ 1,000 mil reais para patrocinar um mês de programa de TV a cabo. Contudo, o referido apóstolo mantém um padrão de vida sofisticado e não cogitou a possibilidade, pelo menos em rede nacional, de vender uma de suas quatro aeronaves – dois jatinhos e dois helicópteros – para saldar a dívida.

À direita dessa figura, encontramos o espírita Chico Xavier. Francisco Cândido Xavier foi um médium espírita brasileiro. Pode ser descrito por alguns como: homem de fala mansa; fazia uso de peruca; tinha acentuado estrabismo; era pessoa humilde. Para alguns de seus seguidores, ele não configura o tipo físico idealizado do líder religioso. Em suas atividades religiosas, psicografou mais de 400 livros, dos quais abnegou os direitos autorais, concedendo-os às instituições beneficentes.

Ademais, esse médium, entre os anos de 1981 e 1982, recebeu indicação ao prêmio Prêmio Nobel da Paz, fruto de uma mobilização de cerca de dois milhões de pessoas que coletaram suas assinaturas em todo Brasil e em organizações de 29 países, requerendo o referido prêmio para ele. Anos depois, em 1999, esse espírita brasileiro foi condecorado pelo Governo de Minas Gerais com o título "Comenda da Paz Chico Xavier", distinção que é outorgada, anualmente, a pessoas físicas ou jurídicas que trabalham pela paz e pelo bem-estar social.

Nessa mesma linha de descrição, a Revista brasileira espírita Reformador, em um dos seus artigos, descreve-o assim:

Além da aura de paz e pacificação que parte dele, há um outro elemento poderoso a explicar o fascínio e a durabilidade da impressionante figura de comunicação de Francisco Cândido Xavier: a grande seriedade pessoal do

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RJs-iufcZy8>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

médium, a dedicação integral de sua vida aos que sofrem e o desinteresse material absoluto. A canalização de todo o dinheiro levantado em direitos autorais para as variadíssimas atividades assistenciais espíritas dão a Chico Xavier uma autoridade moral – tanto maior porque não reivindicada por ele – que o coloca entre os grandes líderes religiosos do nosso tempo. (TÁVOLA, 2008).

A partir dessas descrições, passemos, agora, a analisar o primeiro *meme* que trata do apóstolo e do espírita brasileiro Chico Xavier:

Figura 4 – Valdemiro Santiago *versus* Chico Xavier



Fonte: Facebook – Edir Macedo da Depressão¹³

Chama-nos a atenção, inicialmente, o meio de circulação desse *meme*: em uma comunidade destinada, principalmente, às críticas ao Bispo Edir Macedo – *Edir Macedo da Depressão*. Distanciando-se da ordem de previsibilidade do tratamento temático, conforme anunciado na intitulação da referida comunidade, possivelmente, o que permite a sua circulação nesse e em outros espaços virtuais é o fato de este texto carregar um projeto enunciativo de denúncia às práticas religiosas neopentecostais, talvez, semelhantes àsquelas exercidas pelo Bispo Macedo.

Segundamente, compreendemos que a dimensão valorativa emerge nesse *meme* a partir das escolhas desse enunciativo: dois sujeitos de funções sociais divergentes, inscritos em ordens religiosas distintas, isto é, um pastor e um médium, correspondentemente, um

¹³<https://scontent.fcpv31.fna.fbcdn.net/v/t1.09/527773_181187005331401_1496099092_n.jpg?oh=ffad970bfaa2a4086c262f6a1f004c85&oe=5AF45877> Acesso em 02/03/2017.

protestante e um espírita. Essa referenciação, dada a partir da seleção de duas fotografias distintas, compondo um só enunciado, permite um movimento de leitura e de interpretação por meio de um enfrentamento dialógico – ou de acareação – de duas personalidades: o intitulado apóstolo evangélico Valdemiro Santiago *versus* um espírita brasileiro, Chico Xavier. Assim, está posta uma arena de interesses do sujeito produtor quanto à seleção dessas imagens.

Do ponto de vista visual, a imagem de Chico Xavier representa, iconicamente, na tradição ocidental, uma performance de carinho, de amabilidade e de respeito, ativada semioticamente pelo gesto do beijo realizado com a mão direita. Talvez, esse sinal seja argumentativamente mais persuasivo ao leitor para se contrapor ao outro sujeito da imagem, o que justifica, então, nosso movimento de leitura da direita à esquerda.

Em oposição ao espírita, o referido apóstolo aparece com os olhos bem abertos, sem nenhum traço de sorriso no rosto, com as linhas da fronte tensionadas e visivelmente marcadas, sugerindo uma tensão facial. Nessa angulação capturada pela câmera, o pastor, ao olhar de frente e de forma centralizada para as lentes, sugestiona, diferentemente do segundo sujeito, uma percepção de amendrontamento, de um “olho que tudo vê”. Logo, essa formulação imagética, é portadora de um produtivo teor de argumentatividade, que se direciona, de forma favorável, a Chico Xavier, o que revela a nuance de uma estratégia de contraposição argumentativa.

Somado a isso, a linguagem verbal, a partir de um jogo linguístico de ordem comparativa e associativa, vai constituindo sentidos, dadas as adjetivações destinadas a cada um desses sujeitos religiosos representados. As tonalidades enunciativas axiológicas emergem através do mecanismo contrastativo, por meio do qual se coloca um sujeito em correspondência ao outro. Essas tonalidades de valor podem, também, ser evidenciadas no plano verbal, marcado por diferentes letras, tamanhos e formatos, a partir de uma dada recursividade de nominalizações e de definições. Nesse aspecto, concordamos que

Uma maneira de definir é aproximar ou diferenciar um objeto de outros. Quando se faz uma comparação, não se toma um objeto em si, expondo suas características ou suas funções, mas se escolhe outro objeto mais conhecido e se fazem aproximações entre eles. (FIORIN, 2016, p.122).

Ora, se a palavra é signo ideológico por essência, conforme defendido no enquadramento teórico, os substantivos e os termos com função predicativa empregados a Valdemiro Santiago – “*Santo, Apóstolo, Enviado de Deus, Mão de Deus na terra, Verdade em pessoa*” – presumem uma dada posição entoacional ligada a um jogo de ironia. Essa tonalidade sarcástica está explicitada não só pela referência cruzada às nominalizações

destinadas ao médium espírita – “*Monstro, Bruxo, Demônio, Mentiroso, Aberração, Estelionatário, Ladrão*” – mas também, pelos fios condutores de uma memória social que ligam o sujeito leitor aos eventos, às práticas e às descrições empregadas, mesmo que estereotipadas, de cada um desses. Indaga-se, possivelmente, o leitor: como concordar ser *ladrão* e *estelionatário* alguém que *doou seus direitos autorais* às obras de caridade, a um sujeito que *Morreu Pobre*? Certamente, a resposta será negativa, dada a incoerência das informações. Não poderia, aparentemente, ser ladrão o sujeito que se filia a uma religião que busca o estímulo vivo à fraternidade, a partir de uma máxima – “fora da caridade não há salvação” –, postulada por Allan Kardec em “O Evangelho segundo o Espiritismo”.

Outro aspecto linguístico da apresentação desse enunciado verbo-visual, que serve com contribuição dessa força irônica, é o aparecimento do discurso econômico cruzado ao religioso. A tarja preta com referências a valores em reais, usufruídos ou não por cada um desses sujeitos, mais do que anunciar meramente a quantia, exterioriza uma defesa, através de verbos. Abaixo da imagem de Valdemiro, lê-se: “Usou 50 Milhões”; em Chico Xavier, “NUNCA COBROU 1 centavo”. Do ponto de vista semântico, nesse jogo de comparação, o verbo “usar” tem a acepção de “usurpar”, com o sentido de apoderar-se de algo de forma desonesta, tomar posse de modo fraudulento, contrastando com nunca cobrar. Note-se que essa reacentuação da palavra foi possibilitada pelo enunciado que lhe complementa sintaticamente – “*de seus fiéis que vão a igreja atrás de milagres e esquecem até de Deus!*”. Essa confrontação posta entre esses sujeitos está declarada em jogo antitético, “Usou” e “NUNCA COBROU”, sendo esta construção em letras garrafais, a fim de, forma explícita, justificar as práticas de benevolência de alguém que levou a “*paz, alívio, esperança as pessoas e Morreu Pobre!!!*”. Observe-se, ainda, que a ênfase na pontuação, dada pela repetibilidade das exclamações, somada às letras iniciais maiúsculas em “*Morreu Pobre*”, integram esse reforço ao projeto enunciativo que, através de um paralelo ao apóstolo, coloca Chico Xavier em posição distinta, elevada.

No plano da construção do enunciado, as nominalizações atribuídas a Valdemiro Santiago a partir da ideia de que ele é um homem santo, homem de “Deus”, “Mão de Deus”, é rejeitada/negada, inclusive, pelo próprio jogo semântico instaurado dentro dessa construção. Ora, se o apóstolo possui vinculações ao sagrado e a Deus, por que, então, seus fiéis “esquecem até de Deus”, mas “vão a igreja somente atrás de milagres”? Com efeito, a vinculação a Deus está associada, por meio de uma formação discursiva religiosa, àquele que levou a “*paz, alívio, esperança as pessoas e Morreu Pobre!!!*”.

Essas designações, por seu turno, põem em circulação esses sentidos, inclusive ativam aqueles que foram materializados em uma repostagem da sucursal brasileira da revista norte-americana Forbes, quando listou os cinco líderes evangélicos com os maiores patrimônios, em janeiro de 2013, dentre ele, Valdemiro. Observe-se, assim, que o *meme* está ligado a uma enunciação, a um contexto social, a esse fato motivador tratado no artigo da revista. Esse enunciador, ao dizer que Chico Xavier não cobrou, ou melhor, “NUNCA COBROU 1 centavo” denuncia a performance social de exploração do apóstolo aos fiéis, busca deslegitimá-lo de sua função social.

Sendo assim, as nominalizações empreendidas nessa tonalidade discursiva atribuem valores a esses sujeitos, de modo que, também, por meio dessa referência financeira, os adjetivos se invertem de posição, há um deslocamento. Passam, a partir de um exercício de aversão, a assumir novas posições no enunciado. Dessa forma, a escolha estilística, por meio das palavras “*monstro, bruxo, demônio, mentiroso, aberração, estelionatário, ladrão*” para se referir ao espírita, contraria duplamente, logo em seguida, tais nomeações: 1- quando diz que Chico Xavier levou a “*paz, alívio, esperança às pessoas e Morreu Pobre!!!*”; quando afirma que 2- Valdemiro gastou os milhões de seus fieis. Por sua ordem, são contraditórias às nominalizações feitas ao apóstolo “*santo, apostolo, enviado de Deus, Mão de Deus na terra, Verdade em Pessoa*”, uma vez que ele é caracterizado, por ordem de inversão/comparação ao espírita brasileiro, como um explorador da fé das pessoas, com capacidade de enganar os fieis e de extorquir quantias exorbitantes deles. As nominalizações só são possíveis de aparecer, pois elas estão em diálogo com outros discursos, retoma, inclusive, a voz de denúncia da Forbes.

É interessante, nesse sentido, ponderar que esses enunciados são proferidos sob a condição da verdade, os quais, ditos de modo frequente, tendem a tornar-se, quase sempre, verdade inquestionável e absoluta. Essas nominalizações feitas naturalizam as consagrações destinadas aos sujeitos envolvidos, sem qualquer exceção ou modalização. Nessa arena de tensões, bem *versus* mal assumem posições antagônicas, combatem-se e interrelacionam-se, acarretando, de forma estratégica, a negação de um líder religioso em detrimento do outro. Na esteira desses enunciados, intriga-nos, do ponto de vista discursivo, a forma como essas estratégias de convencimento são agressivas, constituidoras de verdade e de estereótipos.

Como se percebe, as tonalidade de valoração envolvem os dois sujeitos; mas, conforme descrição e análise realizadas, Valdemiro Santiago é valorado a partir de uma referência: Chico Xavier. Essa referência, como se constata, não é parcial, antes é

amalgamada, sobretudo, pelo interesse de divulgar as boas práticas do espírita, depreciando e reprovando socialmente o referido apóstolo.

Chegamos, então, ao segundo *memé*. O enunciado, a seguir, trata de um tema social religioso, pertencente ao universo de alguns cristãos: a prática de exorcismo. Essa prática está situada em alguns movimentos da igreja católica, bem como no movimento neopentecostal protestante. Quanto a esse último, essa prática é caracterizada sinonimamente como “libertação” e, geralmente, acontece por meio de “cultos/ campanhas de libertação”, estratégias mobilizadas por algumas igrejas neopentecostais para atrair fieis, garantindo-lhes que serão livres da “possessão do Diabo” e viverão uma nova vida em Deus. Vejamos este enunciado.

Figura 5 – Exorcismo



Fonte: Facebook – Bispo Morcego¹⁴

¹⁴ <<https://i.pinimg.com/736x/34/a7/14/34a714e2f74b13cc3c12582800772a5c.jpg>> Acesso 21/03/2017.

Na figura acima, encontramos dois sujeitos. À esquerda, em um ambiente aparentemente doméstico, encontramos um padre trajado com batina preta e estola lilás, segurando um crucifixo com a mão esquerda; à direita, o bispo Edir Macedo, segurando pelos cabelos uma senhora com aparentemente possessão demoníaca, possivelmente em um altar de suas igrejas. Em relação à apresentação desses religiosos, faremos uma sucinta exposição, a fim de nos situarmos melhor.

À esquerda, encontra-se Gabriele Amorth, um padre italiano, conhecido como exorcista. Realizou mais de 100 mil exorcismos, em 30 anos de carreira, dentre os quais narrou o seu 9º nono exorcismo no documentário “O Diabo e Padre Amorth”. Pe. Gabriele Amorth foi, durante muitos anos, o principal exorcista do Vaticano. Nasceu em 1 de maio de 1925, em Módena, uma comuna na Itália; veio a óbito em Setembro de 2016. Foi considerado um sacerdote italiano conhecido por ser um exorcista da diocese de Roma. Foi ordenado sacerdote católico em 1954 e se converteu em exorcista oficial em junho de 1986, sob a direção de Candido Amantini. Foi membro da Sociedade de São Paulo, a congregação fundada por Santiago Alberione em 1914. Em 1986, fez seu primeiro exorcismo sob a tutela do Padre Candido Amantini.

À direita, o outro sujeito que olha para câmera é o Bispo fluminense Edir Bezerra Macedo. Empresário e líder mundial da Igreja Universal do Reino de Deus (1977, RJ), (doravante, IURD), Edir Macedo foi considerado pela referida reportagem da Forbes como o 1º pastor mais rico do mundo. A IURD, atualmente, tem sua sede mundial localizada em São Paulo no *Templo de Salomão*¹⁵ e possui, segundo dados da própria igreja¹⁶, 8,3 milhões de membros, atuando em mais de 180 países. O número de igrejas, em 2017, no Brasil, era de aproximadamente 7.157.

Além da construção de mega templos no Brasil e no Mundo, Edir Macedo também é empresário de emissoras de Rádio e TV do grupo Record, meio de divulgação, inclusive, da doutrina, dos ensinamentos, por meio da exibição de diversos cultos ao vivo. Funcionam como mecanismo de evangelização. É, portanto,

¹⁵ Construído na cidade de São Paulo, no bairro do Brás, é considerado uma réplica do Templo de Salomão que, atualmente, é a sede mundial da IURD, sucessora do Templo da Glória do Novo Israel. O custo estimado da obra foi de aproximadamente 680 milhões de reais. O altar e a fachada do templo foram feitos com pedras nativas de Israel.

¹⁶ Modesto, Cláudia Figueiredo (15 de maio de 2012). «34 anos de evangelismo eletrônico». *Observatório da Imprensa*. BR. Consultado em 3 de outubro de 2017.

[...] o mais poderoso meio empregado pela Universal para atrair rapidamente grande número de indivíduos das mais diversas localidades geográficas à igreja. Por sua capacidade ímpar de introduzir a igreja, sua mensagem e seu apelo religioso nos lares, o evangelismo eletrônico apresenta a vantagem de poder alcançar aqueles que não possuem contato ou relação de confiança, amizade e parentesco com fiéis da denominação. (MARIANO, 2004, p.130).

O Bispo Macedo, por meio desses programas, através de seu ensino doutrinário, usa esses meios para a difusão de testemunhos propagandísticos de curas e de libertação, persuadindo os telespectadores de que precisam ser libertos dos poderes demoníacos em um dos cultos da igreja. Quanto ao conjunto dessas práticas e ao crescimento exorbitante no mundo, a referência na Revista Veja, em 3 de novembro de 1999, em uma reportagem intitulada "O milagre do caixa da Universal", informa que esta igreja está:

[...] à frente de um império espalhado por todo o Brasil e em outros setenta países nos quatro cantos do mundo, da Colômbia aos Estados Unidos, da África até a Rússia. A Igreja comanda uma vasta rede composta de vinte emissoras de TV e cinquenta rádios, um jornal semanal com tiragem de 1,3 milhão de exemplares dedicado a espinafrear seu maior rival, a Igreja Católica, e pelo menos uma dezena de empresas que atuam em segmentos variados, no setor financeiro, de construção civil e gráfico (Revista Veja, 3 /11 /1999, p. 43).

No plano teológico, o Bispo Edir Macedo, como um dos representantes do neopentecostalismo no Brasil, caracteriza-se por enfatizar, em programas de TV, em rádio, em cultos transmitidos ao vivo, a guerra espiritual contra o Diabo, em campanhas intituladas "Sessão do Descarrego", "Quebra de Maldições", "Corredor do Sal", "Sexta-feira da Libertação", "Sexta-Feira do Desmanche", para citar algumas. Nesses intitulados cultos/campanhas, o fiel, depois dos ritos iniciais do culto, passa em corredores de sal, ou de velas, e, havendo a existência de algum suposto espírito obsessivo, os pastores e obreiros, através de orações por meio de imposição de mãos na fronte e na nuca, praticam o ritual de libertação.

Nesse sentido, segundo Mariano (1999, p. 27), "[...] ao combater a umbanda, o candomblé, o espiritismo e o catolicismo, até que ponto Universal e Internacional da Graça não são influenciadas e incorporam elementos da crença, da lógica e da visão de mundo dessas religiões?". A prática do exorcismo, frequente em algumas igrejas neopentecostais, parecer ter como propósito de demonstração de poderes sobrenaturais, sendo assim, um "chamariz" para novas conversões, a partir de uma promessa de afastar todos os males da sociedade brasileira

[...] como a violência armada, o tráfico de drogas e armas, a desigualdade, as doenças de uma forma geral, são explicadas pelo pentecostalismo como sendo obras do demônio. [...] ou seja, tudo aquilo de ruim que acontece com cada pessoa e com o mundo é produzido pelas forças do mal, pelos demônios. Nesse sentido, os pentecostais utilizam do exorcismo como uma forma de afastar o princípio causador de todos os males e trazer a vida normal para aquele crente que estava possuído. (BARBOSA, 2017, p.15).

Antes de iniciarmos os movimento de leitura e de análise desse *meme*, é necessário afirmar que ele carrega estampado em si mesmo, sobre as fotografias e em letras garrafais, o nome de sua comunidade de circulação: Bispo Morcego. Conforme já descrita na metodologia deste trabalho, essa comunidade, grosso modo, apresenta críticas ao Bispo Edir Macedo. Isso pode ser percebido no jogo grafo-fonético “Macedo” e “Morcego”.

De forma semelhante ao *meme* anterior, em um jogo comparativo, temos dois sujeitos distintos, com filiações religiosas distintas, em ambientes diferentes, usando trajes prototípicos de cada uma de sua performance social. Do ponto de vista visual, ao que se percebe, o título “EXORCISMO”, no topo, aparece em letras garrafais e na cor vermelho, englobando tematicamente os dois religiosos, os quais, por ordem, são assim intitulados: 1- “PADRE EXORCISTA USA”; 2- “PASTOR EXORCISTA BR”. O jogo de cores atribuído a essas proposições corrobora a informatividade que se pretende transmitir. O vermelho em “EXORCISMO” retoma a ideia de fogo e, conseqüentemente, de inferno. Em seguida, nas titulações, as cores branco e azul referendam a nacionalidade de um padre estadunidense; as cores verde e amarelo, a nacionalidade de um pastor brasileiro.

Estruturalmente, esse enunciado verbo-visual está organizado em tópicos – “FERRAMENTAS”, “DURAÇÃO”, “COMO O POSSUÍDO CHEGA?” e “CARACTERÍSTICAS DA FALA”, a fim de supostamente facilitar o entendimento mais rápido do leitor. Esses tópicos estão, de forma repetida, em cada uma das imagens inseridas. Ao padre, é empregada uma caracterização e uma atribuição de valor díspar daquele endereçado ao pastor. Vejamos.

O bispo Edir Macedo é valorado no *meme*, a partir de apreciações marcadas linguisticamente, as quais estão em contraposição ao padre Amorth. Na combinação dos itens “ferramentas” e “duração”, toda linguagem empregada por esse enunciadador aponta para um descrição minuciosa da “destreza do exorcismo” praticado pelo bispo, com vistas a denunciar a prática de charlatanismo. Pode-se perceber através dos rastros linguísticos – *microfone*, *puxão de cabelo*, *tapa na ouvido* – que essa é uma performance duplamente agressiva: ao corpo do fiel e à fé. “Microfone”, nessa ordem, tem uma estreita associação semântica à

“audiência na tv” e à “ibope”, pois juntamente pormenorizam a cena do evento – o fato de o Bispo realizar as entrevistas com diferentes entidades manifestadas nos cultos –, bem como alude a possível estratégia de convencimento do telespectador, por meio da exploração da fé. Esse entorno entoacional mais do que descrever denuncia a uma possível “teatralização”, “encenação” fomentadas pelo Bispo.

Percebe-se, através do mecanismo valorativo contrastativo, que as “ferramentas” empregadas pelo Pe. Amorth ao ato de exorcizar se filiam a uma estereotipação construída pela memória social, por uma dada heterogeneidade constitutiva do discurso. Elas representam, iconicamente, a simplicidade e o tradicionalismo da fé católica – *crucifixo, água benta e rosário* –, em oposição aos equipamentos utilizados pelo Bispo na IURD – *microfone e câmera*. Nesse jogo de oposição, elementos da ordem do sagrado litigam contra elementos que estão na ordem da midiaticização, instrumentos de propagação de informação.

Outrossim, é indispensável frisar que o Padre exerce um trabalho exaustivo e, muitas vezes, prolongado para exorcizar a vítima, não havendo a necessidade de preocupação com o *ibope* e com a *audiência na TV*. Ao valorar dessa forma, o enunciador, inscrito sob certas condições socioideológicas, joga humorística e ironicamente como a linguagem, no que se refere às construções tipificadas e ao projeto enunciativo de denúncia contra Edir Macedo.

Essa denúncia expressa no *meme* se constrói a partir de um discurso outro que é constitutivo desse enunciado [heterogeneidade constitutiva], mas sem deixar rastros linguísticos, mais especificamente, daqueles discursos que foram ditos sobre o sujeito Edir Macedo e sua Igreja. Isso pode ser evidenciado em referência às demonstrações de cultos, ao vivo, pelos canais aberto da emissora Record e filiadas, em cultos de “libertação”, ou nos estúdios dessas emissoras, quando o bispo e seus pastores demonstram poderes sobrenaturais ao submeterem as pessoas dito possesas a orações fortes e, conseqüentemente, o espírito possessor se manifesta, submetendo-se ao bispo sob os mais conhecidos comandos “ajoelhe-se”, “vomite a macumba”, “desfaça a obra de macumba”, etc.. A partir de uma série de interrogatório, sob o facho de visibilidade de algumas câmeras televisivas, o sujeito possuído é sempre liberto depois da oração forte que o bispo ou seus pastores têm o poder de fazê-la.

Retornando ao enunciado, no item “COMO O POSSUÍDO CHEGA?”, percebemos que o nome “Janete¹⁷” sugestiona, através da memória, uma personagem espalhafatosa e humorística de um programa da Rede Globo, é alguém estereotipadamente pobre, construída

¹⁷ A personagem Janete, do humorístico “Zorra Total” exibido na Rede Globo, aparece com peruca despenteada, roupas extravagantes e os lábios salientes. Ela é levada, mal educada e se acha bonita. Às vezes, fala em inglês, quando um homem lhe endereça uma performance mais erótica.

como sendo a responsável por levar o possuído à “ilurd”. Nota-se, ainda, que esse último termo é um neologismo, criado a partir de uma associação entre vocábulos, “iurd” e “ilusão”, justificando, assim, a suposta atuação cênica desempenhada pelo possível possuído: “imitação da galinha pintadinha, com as mãos pra trás, tentando ciscar o chão”. Em assimetria à Janete, há a “sensitiva meia bosta”, capaz de identificar a possessão, mas não tem poderes para resolvê-la; por isso, encaminha o caso ao “padre da Vila City”. Essa dissemelhança apresentada é geradora de apreciações, não só do bispo e de sua Igreja “ilusória”, “enganadora”, mas de seus fiéis, representados como pobres, na alusão à constitutividade do nome “Janete”, e como “pessoas do morro, nordestinos, com espírito baiano”, visto em “CARACTERÍSTICAS DA FALA”. Na integralidade desse texto multimodal, essa tipificação da fala é preconceituosa, veicula um juízo de valor sobre o sujeito, sua condição financeira, seu sotaque e sua região.

Seguindo a mesma linha de compreensão e de análise acerca do tom valorativo expreso/marcado por um mecanismo de comparação, apresentamos o enunciado verbo-visual da figura 6.

Figura 6 – Mané Galinha *versus* Silas Malafaia



Fonte: Facebook - Bispo Morcego¹⁸

¹⁸<https://scontent.fcpv31.fna.fbcdn.net/v/t1.09/17523563_1321792941242798_4007106705980126489_n.png?oh=6ef9d2dbf4fb97b554bedd80e3d3b08f&oe=5ADF12F1> Acesso 01/04/2017.

O enunciado acima, da Comunidade “Bispo Morcego”, apresenta uma paridade estrutural: dois sujeitos em um jogo comparativo/associativo, sendo um deles um pastor. À esquerda, temos o cantor, compositor e ator brasileiro Seu Jorge, cuja atuação cinematográfica é relativamente ampla, iniciada em 2002, através do filme “Cidade de Deus”, no qual interpretou o papel do traficante “Mané Galinha”.

Esse personagem é a reprodução da vida de Manoel Machado Rocha, vulgarmente conhecido como Mané Galinha. Nascido no Rio de Janeiro, em 8 de setembro de 1979, ele foi considerado um criminoso brasileiro que dominava parte do então sub-bairro Cidade de Deus (que viraria favela), na cidade do Rio de Janeiro no final dos anos 70 do século XX.

Em 2002, no filme Cidade de Deus, dirigido por Fernando Meirelles, Seu Jorge faz o papel de Mané Galinha cujas ações acontecem em razão do enfrentamento e do plano de vingança contra o traficante Zé Pequeno, em virtude das atrocidades cometidas por este contra a namorada e família daquele. O fato de associarmos, a partir da leitura do *meme*, Seu Jorge a esse personagem se dá em virtude de que encontramos nesta materialidade um rastro linguístico, evidenciado pela escolha da expressão “boca de fumo”, que possui uma espessura histórica e reatualiza o sentido, a partir de um jogo com a memória ativada pelo filme.

Ao lado desse personagem, no mesmo *meme*, agora à direita, encontramos o pastor pentecostal brasileiro Silas Malafaia. Sua formação teológica aconteceu no Instituto Bíblico Pentecostal; em Psicologia, formou-se pela Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro. Malafaia é líder da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, é presidente da editora Central Gospel. Como televangelista, apresenta o programa “Vitória em Cristo” há mais de 29 anos, através do qual, inclusive, revela seus posicionamentos de enfrentamento político, de resistência ao movimento LGBT; faz apelo de grandes ofertas e, sobretudo, declara-se adepto da Teologia da Prosperidade¹⁹.

Em 2009, o pastor anunciou, em um culto que realizou em Boca Raton, na Flórida, Estados Unidos, a compra de um avião particular que, conforme adjetivado pelo próprio pastor, seria uma “galinha morta”, visto que o preço pago foi de 12 milhões de

¹⁹ A Teologia da Prosperidade também pode ser conhecida e definida como confissão positiva, palavra da fé, movimento da fé, ou ainda, evangelho da saúde e prosperidade e outras nomenclaturas mais. Surgiu no início do século XX, nos Estados Unidos, e ensina que os que são verdadeiramente fieis a Deus devem experimentar prosperidade financeira. Essa prática “teológico-religiosa” encontra-se alicerçada na interpretação de determinados textos bíblicos como, por exemplo, Gênesis 17.7, Marcos 11.23-24 e Lucas 11.9-10. A Teologia da Prosperidade parte do princípio de que todos são filhos e filhas de Deus, e que, portanto, recebem os benefícios desta filiação em forma de riqueza, livramento de acidentes e catástrofes, ausência de doenças, ausência de problemas, posições de destaque, etc. Essa “doutrina teológica” oferece subsídios para fazer o dinheiro render mais, evitar acidentes, livrar-se de doenças e problemas, aumentar as finanças, além de viver uma vida sem dificuldades. Sustenta a tese de que nenhum filho de Deus pode adoecer ou sofrer, pois isso seria uma clara demonstração de ausência de fé e atuação do diabo (VARGENS, 2017, p.22-26).

dólares, enquanto o avião valeria cerca de 16 milhões de dólares. Em 2010, afirmou que a atual igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo contava, à época, com mais de 15.000 mil membros. Em pouco mais de três anos, sob a sua liderança, já foram criadas mais de 200 igrejas em todo o estado do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco, Paraná, Rio Grande do Norte, Santa Catarina (VITÓRIA EM CRISTO, 2014).

Em fevereiro de 2013, durante uma entrevista concedida ao programa de “De Frente com Gabi”, Silas Malafaia rebate a “acusação” da Revista Forbes, que o definiu como o 3º pastor mais rico. Além disso, seu depoimento reverberou na mídia, ao afirmar rejeição e total enfretamento ao tema homossexualidade. Em tom de defesa, argumentou não ter nada contra homossexuais, pois “amava homossexuais, assim como amava bandidos”.

Vamos considerar, primeiramente, que o enunciado acima, como os anteriores, é composto por uma materialidade semiótica híbrida, formada por uma parte verbal (“QUAL A DIFERENÇA? / Se não pagar a boca de fumo te mando pro caixão/ Se não pagar o dízimo da igreja te mando pro inferno? / NENHUMA!”) e por uma parte visual (foto do personagem traficante Mané Galinha, à esquerda, em que ele aparece com demonstração de intimidação com o dedo apontado; à direita, Silas Malafaia com a mesma gestualidade).

É preciso, nesse sentido, considerar que essa gestualidade, imbricada de um teor emocional, também corrobora para ressignificação desse *mem*e. O dedo apontado para o sujeito interlocutor, constituído por um dada historicidade, reclama por uma validação interlocutória, motivada por essas condicionalidades. Esse gesto, chamado de dêitico-discursivo, consiste em uma ação gestual-referencial que aponta para o que está fora do texto, assinalando, fazendo referência, nesse caso, ao “você”. Essa referência dêitica, constitutiva do enunciado, aponta para dois interlocutores diferentes. O dedo do personagem “Mané Galinha” está associado ao seu domínio social “ao não pagador da boca de fumo”; por seu turno, o dedo de Malafaia, àquele “que não paga o dízimo”.

Em consonância com a teoria bakhtiniana, pode-se notar o deslocamento de sentido que esse enunciado congrega, quando por meio de uma interpelação/questionamento do enunciador ao leitor, “QUAL A DIFERENÇA?”, há a emergência de um efeito de sentido não previsto, antirreligioso, (e até contraditório, diríamos) atribuído ao pastor Silas Malafaia: comparação simétrica ao personagem Mané Galinha. Essa simetria é expressa linguisticamente com a resposta uniforme: “NENHUMA!”.

Em relação ao aspecto verbal das proposições geradoras dessa resposta, é pertinente destacar o jogo dialógico com a condicionalidade sintático-semântica, empregado nas formas da língua por meio de verbos do subjuntivo (se x, então y). O “y” seria, então, a resposta

comum em referência a ambos sujeitos. É esse rastro linguístico que, também, os tornam com efeito de parença.

Esse *projeto de dizer* cuja finalidade é fazer circular uma apreciação endereçada ao pastor Silas Malafaia é gerador de um efeito de sentido irônico/sarcástico, uma vez que o indivíduo é condenado ao inferno pelo pastor porque não entregou o dízimo; de forma semelhante, o traficante da “boca de fumo” merece pagar, também, por sua dívida.

Outros traços linguísticos reforçam essas apreciações aos dois sujeitos. Todavia, o que se observa, no nível das respostas supostamente vinculadas a cada um desses sujeitos, são os termos “caixão” e “inferno”, os quais recuperam a ideia de morte, luto e sofrimento. No entanto, mesmo que hipotético e humoristicamente, o discurso entregue ao pastor em 1ª pessoa tem um caráter de julgamento religioso, bem como do além-morte. “TE MANDO PRO INFERNO”, em letras garrafais vermelhas, além de recuperar o imaginário das “chamas ardentes”, denuncia uma prática anti-cristã, antirreligiosa do pastor, equiparando-o discursivamente ao status de Mané Galinha. Sem dúvidas, a constitutividade dessa resposta encontra-se nos discursos proferidos por Silas Malafaia em seus cultos, em tom de amedrontação aos fiéis a fim de que estes sejam dizimistas.

Diante do exposto, mesmo vinculados a enunciadores distintos, esses três *memes*, em suma, têm como traço marcante a valoração de pastores a partir de um ponto de vista negativo, depreciativo. Para cumprir tal efeito, a apreciação dada pelo mecanismo da comparação a outrem, geralmente a um sujeito religioso ou antirreligioso, funciona como uma referência cruzada para o efeito da contraposição ou de uma associação simétrica entre os personagens.

Passemos, agora, a um conjunto de dois *memes* que assumem, também, marcas entoacionais a pastores neopentecostais, com base em um diferente mecanismo.

4.2 O tom valorativo expresso através do mecanismo do discurso reportado

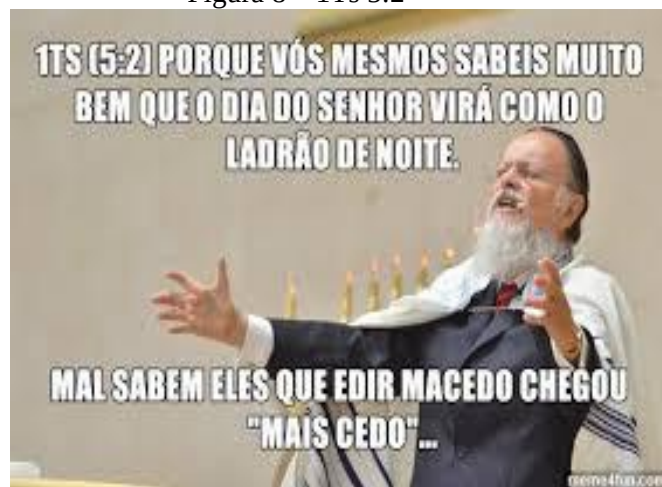
Ainda neste item, continuaremos com o mesmo percurso de leitura e análise dos *memes* dada a necessidade do agrupamento, em virtude da regularidade de aspectos, da produtividade e objetividade desta seção analítica. Vejamos, então, os enunciados correspondentes às figuras 7 e 8.

Figura 7 – 2 Co 11:27



Fonte: Facebook – Não tá na Bíblia²⁰

Figura 8 – 1Ts 5:2



Fonte: Facebook – Edir Macedo da Depressão²¹

Nesses dois *memes*, oriundos de comunidades diferentes, encontramos uma mesma regularidade discursiva: o discurso reportado (ou discurso de outrem), os quais correspondem a versículos do Novo Testamento da Bíblia, cujas autorias pertencem unicamente ao apóstolo Paulo, conhecido, também, como Paulo de Tarso.

²⁰<https://scontent.fcpv31.fna.fbcdn.net/v/t1.09/17952927_1906845159530253_7571791609833255251_n.jpg?oh=9b92294e45af610ea60a005b2c4e10&oe=5AF6B87D> Acesso em 13/07/2017.

²¹<https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSteCSQQL_T8kUjhKvWQigg1I1xZl6RixQnNBlt7SG586akDgEPA> Acesso em 02/08/2017.

Em primeiro lugar, Paulo era judeu por nascimento (At 22:3); nasceu em Tarso da Cilícia. Ele foi criado dentro da fé judaica e educado em Jerusalém aos pés de Gamaliel. Era um fariseu, membro da seita mais rigorosa dos judeus, membro do sinédrio²² judaico. Era um cidadão romano. Foi o mais severo perseguidor da igreja (1Tm 1:13), por meio de práticas violentas, cruéis e desumanas. Sua conversão a Cristo ocorreu no caminho de ida a Damasco, ao sofrer uma queda de um cavalo. De perseguidor implacável a missionário, Paulo de Tarso se transforma em o maior líder e o maior bandeirante do cristianismo (LOPES, 2009). No fluxo dessa descrição:

O apóstolo Paulo foi, certamente, o maior evangelista, o maior teólogo, o maior missionário e o maior plantador de igrejas de toda a história do cristianismo. Plantou igrejas nas províncias da Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia Menor. Nenhum homem exerceu tanta influência sobre a nossa civilização. Nenhum escritor foi tão conhecido e teve suas obras tão divulgadas e comentadas quanto ele. (LOPES, 2009, p.9).

O tema do discurso reportado do enunciado da figura 7, **2 Co 11:27**, refere-se aos desafios da vida missionária do apóstolo Paulo. No livro de Atos, nos capítulos 16 e 19, há uma referência de que Paulo e sua equipe enfrentaram muitas dificuldades para a propagação do Evangelho por todo Império Romano. O resumo de sua experiência missionária de 20 anos está condensada na Segunda Carta aos Coríntios, mencionada no *meme*.

Esse capítulo é dividido em alguns blocos temáticos. Na referida tradução, aquele bloco que engloba (v. 16-33) o referido versículo está intitulado “Paulo orgulha-se dos seus sofrimentos”, ou em outras traduções, como a (ARC), recebe o subtítulo de “Os sofrimentos de Paulo por amor do Evangelho”, com sentido de tornar o texto como uma espécie de relato para os coríntios. Esse sofrimentos são assim descritos nessa ordem, entre os versículos (23-26) do referido capítulo: “**em trabalhos...em perigos de morte, muitas vezes**”, “**trinta e nove açoites**”, “**golpeado com varas**”, “**apedrejado**”, “**três naufrágios**”, “**uma noite e um dia exposto à fúria do mar**” e “**em perigos**”. Em resumo, no versículo 27, ele reconhece que seu trabalho missionário foi árduo, difícil, ao afirmar, encerrando todos esses percalços de infortúnio e tribulação: “**fiquei sem dormir**”, “**passei fome e sede**”, “**fiquei em jejum**” e “**suportei frio e nudez**”.

O enunciado da figura 8, por seu turno, também carrega uma historicidade que o constitui. Primeiramente, embora este *meme* apareça sem a utilização das aspas, marca

²² O sinédrio era o concílio maior dos judeus, composto de setenta homens maduros, cuja função principal era legislar e julgar a vida religiosa do povo judeu.

tipográfica, para referenciá-lo como discurso direto, é a referência bíblica (livro, capítulo e versículo) expressa que proporciona essa filiação ao que já foi dito.

O Apóstolo Paulo também é o escritor da primeira epístola aos tessalonicenses, uma igreja situada na cidade de Tessalônica. É a primeira correspondência canônica do apóstolo para essa igreja. No plano do esboço do capítulo 5, Paulo estabelece várias regras para a igreja diante da iminência do arrebatamento, do “Dia do Senhor”. Ao aconselhar seus interlocutores a “estarem vigilantes” quanto a esse Dia, o referido apóstolo apresenta-lhes esse pedido materializados nos os versículos 1 e 2, os quais retratam esse evento escatológico descrito em uma linguagem apocalíptica.

Os termos “Dia do Senhor” e “ladão de noite”, nesse contexto, segundo os comentários feitos por MacArthur (2010), respectivamente, correspondem: 1- dia para descrever castigos históricos próximos, dia do juízo, dia da ira e o “grande dia do Deus Todo-Poderoso”, no qual Ele cessará a pecaminosidade devastadora do mundo; 2- expressão usada para a vinda de Cristo para o dia do julgamento, afastando-se do sentido de arrebatamento da igreja. De certo, as duas expressões no referido versículo bíblico apontam para um evento messiânico, da Vinda de Cristo, amplamente pregado e anunciado pelos cristãos. Essas expressões são utilizadas com frequência nos escritos rabínicos com referência ao estabelecimento da era messiânica. Nesse entendimento, “a ideia é de subitaneidade, ou talvez de inevitabilidade.” (BRUCE, 2008, p. 2037).

Compreendendo as bordas desses versículos bíblicos, citados nos dois *memes*, percebemos que ambos locutores de comunidades divergentes constroem o “seu projeto enunciativo”, a partir de uma relação dialógica, dada a partir dessas citações diretas, promovendo retematizações dos enunciados e, conseqüentemente, avaliações sobre os sujeitos envolvidos. Para sustentar sua tese, o locutor joga na linguagem a reinscrição do outro. Verificaremos isso nos rastros semânticos e genéricos da alteridade.

A inscrição do discurso do apóstolo Paulo, conforme apresentado na figura 7, a partir dos grifos em cor branco, “passei fome e sede” e “suportei frio e nudez”, aludem ao sofrimento, já descrito, desse apóstolo. Mas, quando é reinserido no *meme*, é retematizado por um discurso irônico de negação, atribuído aos três pastores já descritos nesta seção: Edir Macedo, Valdemiro Santiago e Silas Malafaia, os quais, respectivamente, assumem posicionamentos de negação ao discurso bíblico, marcados em “é encosto!”, “não é dizimista!” e “tem algo errado em sua vida!”.

Como se percebe na ordem, essas três proposições atribuídas funcionam como uma resposta ao dizer de Paulo. Ocorre que cada resposta possui um fio dialógico condutor de

historicidades específicas e de performances já conhecidas. Inicialmente, o que chama a atenção é o fato de os três, na visão dos enunciadores, renunciarem o sofrimento e as intempéries a que os apóstolos, mais especificamente Paulo, estavam sujeitos. Esse locutor nos faz acreditar em sua “tese” de que esses pastores não são verdadeiros cristãos, quando por meio da repulsa ao discurso paulino, reforçam aquilo que acreditam quanto ao sofrer por “amor a Cristo”. Esse locutor nos faz acreditar que esses sujeitos, em busca de status e de riqueza, defendem que o sofrimento é coisa do diabo, dá-se em função de ser ou não dizimista, que o crente em Deus não passa nenhuma provação, por exemplo.

Essa apreciação dos enunciadores sobre os dizeres representados — da representação do discurso de Paulo e a negação do dizeres dos apóstolos a este — constrói um ponto de vista que corresponde a apreciações negativas endereçadas aos pastores que negam a Bíblia, em virtude da obtenção do lucro, por meio do dízimo, por exemplo.

No enunciado da figura 8, o locutor retoma o discurso de Paulo de advertência quanto ao dia da volta do Senhor para os cristãos, salvaguardando-os de que o Messias Prometido viria como um ladrão. Esse termo é ressignificado no *meme*, pois na acepção de Paulo, estaria ligado ao modo inesperado da Vinda de Cristo. No entanto, nesse enunciado verbo-visual, a partir da foto do Bispo Edir Macedo, o efeito de sentido gerado é enquadrar o referido bispo como sendo um ladrão.

O que nos autoriza, enquanto analistas, a ler esse enunciado dessa forma é o fato de o trecho bíblico servir como prerrogativa que dá as “pistas linguística e visual” ao leitor para que este estabeleça a associação a Edir Macedo. Na proposição, “mal sabem eles que Edir Macedo chegou mais cedo”, o locutor assume uma apreciação dupla. Nega, a partir do “eles”, que os fiéis da IURD não sabem que são roubados, ou não têm consciência disso. Torna, a partir de um jogo alusivo à figura bíblica do **ladrão**, a estereotipação de Edir Macedo como sendo um assaltante que age de forma silenciosa, sorrateira e, até mesmo, inesperada, comparando-o ao ladrão apontado pelo discurso de Paulo.

Em suma, a questão nevrálgica desse mecanismo mobilizado pelos enunciadores tem sempre um interesse, um propósito. Ao retomar o discurso do outro, como vimos, os locutores apreciam, avaliam, reforçam seus pontos de vista, a partir da escolha das palavras e das formulações que se dão no enquadramento do discurso reportado. Promovem, através de seus projetos enunciativos, retematizações e reacentuações, com vistas a refutar, denunciar, criticar, ironizar os pastores neopentecostais.

Se por meio do discurso reportado no *meme*, encontramos uma estratégia de reforço na argumentação do locutor, as escolhas lexicais também são imbuídas de marcas ideológicas e,

por assim, servem para apreciação. Com base nisso, de acordo com os nossos dados, apresentamos, a seguir, o último mecanismo encontrado.

4.3 Tom valorativo expresso através do mecanismo das escolhas lexicais

Faremos a leitura e análise dos *memes* subsequentes de forma global e conjunta, levando em conta as bordas históricas de cada enunciado, conforme anteriormente, bem como levando em conta os contornos entoacionais que os compõem.

Ambos enunciados verbo-visuais abaixo, conforme as figuras 9 e 10, pertencem a mesma comunidade de origem: *Não tá na Bíblia*. Essa comunidade, conforme descrita da metodologia deste trabalho, preocupa-se com a discussão de temas que fogem às regras daquilo que está previsto na Bíblia, desmitificando e desnaturalizando algumas “verdades” formuladas por alguns pastores e respectivas igrejas.

Antes de tudo, é preciso lembrar que esses enunciados concretos, conforme a teoria bakhtiniana, mantém relações dialógicas e axiológicas ativadas pelo signo ideológico, pelo modo de apresentar a informação a partir da imagem e da palavra. Leiamos estes enunciados.

Figura 9 – Valdemiro Santiago



Fonte: Facebook – Não tá na Bíblia²³

²³<http://3.bp.blogspot.com/3LPuKjrV2UA/VGSLYvcLu0I/AAAAAAAAA_o/CIJkdIvnAE/s1600/10687060_844238465600625_1474899640202850604_n.jpg> Acesso em 5/09/2017.

Esse *meme*, como percebemos, apresenta a imagem do apóstolo Valdemiro Santiago, trajado da mesma forma como faz/grava os cultos. Nesse espaço exibido pela fotografia, o apóstolo está sentando em uma cadeira, folheando (aparentemente a Bíblia). O termo “Bíblia” aparece nesse enunciado, com um efeito de produzir da ideia de “Manual de regra cristão”, “Documento sagrado”, “Referência”. No entanto, o que chama a atenção do leitor é o fato de esse locutor se referir, possivelmente, aos fiéis como sendo “trouxas”.

Historicamente, “trouxa” é uma palavra de origem ibérica, vindo do antigo espanhol “*troja*” ou “*troxa*”, que tinha o significado de carga levada às costas. Na linguagem do cotidiano, trouxa pode significar um fardo de roupa, ou um embrulho com objetos diversos. Antigamente, quando se dizia que uma pessoa estava fazendo a sua trouxa, significava que estava se preparando para viajar ou para ir embora.

Na gíria brasileira, a palavra trouxa passou a ser um termo pejorativo, aplicado para qualificar uma pessoa que pode ser facilmente enganada. Tem como sinônimos outros termos depreciativos, como mané, idiota, otário e bobo, entre outros. Dicionarizada, essa palavra tem o sentido de uma pessoa que é enganada com facilidade; babaca, pacóvio, tolo.

No que tange a essa escolha lexical, pode-se conferir uma avaliação do locutor tanto endereçada ao apóstolo, quanto aos fiéis. Enquanto signo linguístico, “trouxa”, refere-se aos fiéis, porque são eles os enganados, pois, na concepção desse locutor, eles não leem a Bíblia e, sobretudo, acreditam em tudo o que o pastor diz. Percebe-se aqui uma tipificação muito comum de que alguns cristãos são “massa de manobra”, ou seja, são facilmente manipulados, pois “O QUE VOCÊ FALAR QUE TA ESCRITO ELES ACREDITAM”. Além de revelar o baixo senso crítico dos fiéis de Valdemiro Santiago, nas lentes desse enunciador, ele funciona como um enganador, como um usurpador da fé, podendo proliferar discursos que não estão na Bíblia, mas que são tomados como verdades.

Um discurso que é constitutivo dessa prática anti-bíblica (antirreligiosa) exercida pelo referido apóstolo foi midiaticado pela Revista Época (2010). Em um de seus cultos, o apóstolo Valdemiro Santiago já pediu até 30% da renda do fiel, o que foi batizado de “trízimo”, associando o “30” à “Santíssima Trindade”. Apesar de dizer que não faz distinção entre doadores, a Mundial qualifica as ofertas em categorias: ouro (R\$ 300), prata (R\$ 100) e bronze (R\$ 50), alegando que, quando Jesus nasceu, recebeu o melhor presente: o ouro!

Nesse mesmo horizonte de valoração, quanto às escolhas lexicais, encontramos neste enunciado a fotografia, aparentemente de um sabonete dentro de uma embalagem, provavelmente produzida pela IURD. Como se percebe, as cores azul, branco e vermelho filiam-se socialmente às cores da referida instituição.

Figura 10 – Sabonete da IURD



Fonte: Facebook – Não tá na Bíblia²⁴

No plano linguístico, esse enunciador diz no *memé* o valor de um “sabonete da IURD, que vende a promessa de purificação espiritual”. Nesse sentido, o projeto de dizer do locutor não está voltado apenas à denúncia de dizer que é falsa tal promessa, mas sobretudo, ironizar, criticar, por meio das escolhas lexicais “fiel otário”, “lava a alma” e “lava a égua”.

A efeito de contextualização dessas expressões, “lava a alma” tem a acepção, no contexto, de prometida e desejada purificação espiritual. No entanto, chama-nos a atenção a forma de como esse enunciador se refere aos fiéis da igreja – como “otários” – e à ação do Bispo Macedo, como uma prática de charlatanismo, a partir da expressão “lava a égua”. Há algumas elucidações sobre a significação dessa última expressão:

1. "Lavar a égua" tem origem no turfe, o esporte dos reis e da nobreza. Quando uma égua ganhava uma corrida, dando lucro a seu dono, este a retribuía com um banho de champagne.
2. Em outra versão, a expressão **lavar a égua**, na região das Minas gerais, onde a exploração de ouro acontecia no séc. XVIII. Os donos do garimpo juntavam as pepitas e o ouro em pó em cavalos para o transporte até a capital. Os escravos pegavam o ouro em pó e esfregavam no pelo do cavalo. Depois de descarregarem

²⁴<https://scontent.fcpv31.fna.fbcdn.net/v/t1.09/13516525_1776675479213889_825494635726506314_n.jpg?oh=d05ff8feec45b674dac19c3f7dea259d&oe=5AFDACFE> Acesso em 20/09/2017.

a carga, eles iam literalmente **lavar a égua** e pegar o ouro roubado do dono do garimpo.

Os escravos mais corajosos costumavam esconder o pó de ouro no meio dos cabelos que naquela época não eram cortados, ou debaixo das unhas, a fim de juntarem ouro suficiente para tentarem comprar sua liberdade. Porém, ao saírem da minas, eles eram revistados; então, aprenderam que para não serem pegos, era melhor esconder o ouro no meio do pelo das éguas. Assim feito, depois da revista, eles pediam para lavar as éguas. Nesse momento, retiravam o ouro escondido, assim quando eles conseguiam autorização para "lavar a égua", se davam bem guardando o ouro escondido.

Popularmente, conforme registro de uso da variação popular, essa expressão pode ser considerada como gíria, referindo-se e aproximando-se ao segundo sentido apontado: tirar ou levar vantagem; lucrar com pouco ou nenhum investimento.

De certo modo, a venda de sabonetes com a logomarca da Igreja Universal do Reino de Deus, ao custo de até R\$ 120,00, para a “purificação espiritual”, tornou-se um dos assuntos mais comentados nas redes sociais. A imagem, publicada na comunidade “Não tá na Bíblia”, mostra o sabonete com a descrição “O sabonete da Universal [...] o fiel otário lava a alma e o bispo Macedo lava a égua”. Mais de 67 mil usuários compartilharam a foto na internet e nas redes sociais, além de obter 7 mil curtidas e 2,2 mil comentários, o que revela a indignação do povo.

Inscrito nessa ordem do dizer, o locutor, através das escolhas lexicais, nomeia os fiéis da IURD de “otários”, como sendo pessoas com baixo senso crítico, o que é nocivo, porque nem sempre corresponde à verdade. Nesse sentido, o termo “otários” atribui um valor possível, um vez que os levantamentos

[...] do último Censo revelam que a maioria dos pentecostais apresenta renda e escolaridade inferiores à média da população brasileira. Grande parte deles recebe até três salários mínimos e ocupa empregos domésticos, em geral modestos e precários, numa proporção bastante acima da média nacional (MARIANO, 2004, p.122).

Se os membros da IURD são enquadrados, nessa ordem, como “otários”, isto é, “ingênuos” e “tolos”, o bispo Macedo que “lava a égua” é aquele que sempre se dá bem, em detrimento desses fiéis, pois age com usurpação, levianamente, oferecendo/vendendo, de forma exorbitante, produtos ditos “santificados”, “abençoados”, em troca do milagre, da “purificação” e da “cura” prometida.

Como se constata, a valoração por meio das escolhas linguísticas – signos linguísticos – é geradora de força ideologicamente argumentativa, que busca convencer, de forma humorística e irônica, o interlocutor, alertando-o quanto às formas de exploração da fé usada por esses pastores neopentecostais. Em suma, o que se verifica, em relação às tonalidades dialógico-axiológicas desses enunciados verbo-visuais, é a propagação de pontos de vista sobre uma questão de ordem religiosa, sob um tom de convencer o leitor, de forma incisiva, a tomar uma decisão de repulsa aos determinados líderes e a suas práticas.

Em suma, diante desses três mecanismos encontrados e analisados, por meio dos quais pudemos observar as formas de apreciações enunciativas e valorativas aos referidos sujeitos, partimos para algumas sínteses encontradas na regularidade do *corpus*. Para tanto, a seguir, elaboramos um quadro que sintetiza esses mecanismos.

Quadro 3: Síntese da análise dos dados

SÍNTESE DA ANÁLISE DOS DADOS			
COMO O TOM VALORATIVO APARECEU NOS MEMES?			
	Expresso através do mecanismo da comparação	Expresso através do mecanismo do discurso reportado	Expresso através do mecanismo das escolhas lexicais
Tonalidades enunciativas	Valora, a partir de um jogo associativo, constituído, inclusive, de nominalizações endereçadas aos sujeitos em questão: “bruxo, santo ladrão” etc. Ao comparar, busca-se uma forma de definir os pastores a partir de um ponto de vista negativo, atravessado por um discurso irônico.	Por meio do recurso de <i>citação direta</i> dos versículos bíblicos, o enunciador opera com o discurso às avessas, a partir de formulações estereotipadas e posicionamentos antirreligiosos e, até mesmo, anti-bíblicos à própria essência do Manual Sagrado do Cristianismo.	Por meio de adjetivos e expressões nominais, tais como “trouxas”, “otário” e “lava a égua”, revelam o projeto enunciativo irônico de valorar não só os pastores, mas também os fiéis, membros das igrejas.

Fonte: Elaboração do autor, 2017.

Após essa sumarização, posta no quadro acima, percebemos que a tonalidade referente à valoração dos sujeitos envolvidos se materializa em três diferentes mecanismos, os quais foram mais regulares. No que tange a essa síntese, vimos que as tonalidades enunciativas emergem por evidências linguísticas e rastros históricos, sendo amalgamadas por um jogo irônico e por dadas formulações discursivas, que criticam e desnaturalizam algumas práticas religiosas assumidas pelos pastores e, também, pelos fiéis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de investigar o fenômeno da valoração em *memes* que tratam do discurso religioso que correspondem a um modo particular que as escolhidas comunidades virtuais têm de comparar/associar, de nomear e de valorar alguns líderes neopentecostais brasileiros, mais precisamente os televangelistas Edir Macedo, Valdemiro Santiago, Silas Malafaia, por meio da linguagem, desenvolvemos esta pesquisa baseada no paradigma qualitativo-interpretativista, pautada no método netnográfico, uma vez que descreve, analisa e interpreta os dados recortados do espaço virtual para a leitura dialógica e discursiva.

Os resultados obtidos, com a realização desta pesquisa, possibilitaram-nos compreender que a escolha de uma palavra já é, por natureza, uma apreciação valorativa, discursivamente empregada com força ideologicamente argumentativa. Além disso, é oportuno entender que os *memes*, enquanto enunciados concretos, de materialidade verbo-visual, são repletos de contornos entoacionais, isto é, de tonalidades apreciativas. Nesse sentido, destacamos a importância da teoria dialógica, desenvolvida por Bakhtin e por Seu Círculo, para a análise discursiva dos sentidos que emergem em cada enunciado/*meme*, por meio da qual podemos relacionar e avaliar, dialogicamente, os mecanismos mais regulares e produtivos que expressam o tom da valoração.

Assim sendo, é a tonalidade dialógico-discursiva que nos autoriza, enquanto analista do discurso, compreender o que estabelecemos, inclusive, como questões norteadoras deste trabalho a partir dos enunciados concretos valorativamente.

Atendendo aos objetivos desta dissertação, os quais versam sobre descrever analisar o gênero discursivo *meme*, dadas as posições valorativas e as relações dialógicas emergentes, ao se referir a alguns líderes protestantes e analisar os sentidos dos enunciados encontrados nos *memes*, a partir do que eles põem em circulação a respeito dos sujeitos envolvidos, vimos que que os enunciados verbo-visuais analisados são repletos de tomada de posição, de tonalidades dialógicas e valorativas que refletem e refratam o posicionamento do enunciador em relação àquilo que anuncia. Em suma, os *memes* analisados têm como traço marcante a valoração de pastores a partir de um ponto de vista negativo, depreciativo. Para cumprir tal efeito, a apreciação expressa pelos mecanismos (comparação/discurso reportado/escolhas lexicais) funciona como uma referência cruzada para contrapor, assemelhar, ironizar esses sujeitos, em função do discurso sarcástico e humorístico

Em suma, quanto aos mecanismos encontrados, verificou-se que, por meio da comparação, a apreciação expressa por esse mecanismo, geralmente, direciona-se a um sujeito

religioso ou antirreligioso para cumprir o efeito de associação/acareação. Esse mecanismo funciona como uma referência cruzada para o efeito da contraposição ou de uma associação simétrica entre os personagens envolvidos. Sempre é constituído por uma forma de definir, caracterizar e atribuir nominalizações.

Concluimos, ainda, que, ao retomar o discurso do outro, os locutores apreciam, avaliam, reforçam seus pontos de vista, a partir da escolha das palavras e das formulações que se dão no enquadramento do discurso reportado. Promovem, através de seus projetos enunciativos, retematizações e reacentuações, com vistas a refutar, denunciar, criticar, ironizar os pastores neopentecostais.

Por fim, a valoração por meio das escolhas linguísticas – signos linguísticos –, é geradora de força ideologicamente argumentativa, que valora não só os pastores, mas também os seus fiéis. Essa apreciação busca convencer, de forma humorística e irônica, o interlocutor, alertando-o quanto às formas de exploração da fé usada por esses pastores neopentecostais.

Conforme mencionamos na introdução deste trabalho, ainda é muito raro encontrarmos produção acadêmica que verse sobre a leitura dialógica e discursiva de *memes*. Logo, que esta nossa pesquisa gere uma contribuição para a ampliação dessa discussão tão imprescindível para a Linguística, especificamente, para os Estudos Discursivos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. (Org.). **História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1982. P. 11-12.
- ANDRADE, Joaquim de. **Controvérsias**: modismos e heresias que ameaçaram a Igreja brasileira. Campina Grande-PB: Visão Cristocêntrica, 2014.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas-SP: UNICAMP, IEL, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- BARBOSA, Aron Édson Nogueira Giffoni. **Aspectos do Neopentecostalismo na Igreja Mundial do Poder de Deus**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/graduacaocienciasocias/files/2010/11/ASPECTOS-DO-NEOPENTECOSTALISMO-NA-IGREJA-MUNDIAL-DO-PODER-DE-DEUS-Aron-%C3%89dson-Nogueira-Giffoni-Barbosa.pdf>. Acesso em Dezembro de 2017.
- BARROS, D.L.P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: Brait, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. São Paulo, Editora da Unicamp, 2005, p. 25-36.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.
- _____. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução de Sheila Grillo w Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2013.
- _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- _____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec/Anablume, 2002.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corrigida no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2009.
- BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo MacArthur**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2010.
- BLACKMORE, S. **The meme machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa quantitativa. São Paulo: Parábola. 2008.

BRAIT, B. Olhar e ver: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**. São Paulo, v.8, n.2, p.43-66, jul./dez. 2013.

_____. MELO, Rosineide. Enunciado/Enunciado Concreto/ Enunciação. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: Conceitos-chave**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 61-78.

_____. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-33.

_____. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico**: Antigo e Novo Testamento. Trad: Valdemar Kroger. São Paulo: Editora Vida, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. Dialogismo em Bakhtin e Lakubinskii. In: **Investigações: Lingüística e Teoria Literária**, Recife: UFPE, v. 18, n. 2, p. 103-114, jul. 2005.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político; derivas da fala pública**. São Paulo: Claraluz, 2006.

DEMO, Pedro. *Leitores para sempre*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de lingüística**. Trad. Frederico Pessoa de Barros et al. 7.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2016.

FONTANELLA, Fernando. **O que é um meme na internet? Proposta para uma problemática da memesfera**. Trabalho apresentado no III Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, 2009.

FRANCO, I. Redes sociais e a EAD. In Fredric, M. e Formiga, M. (Orgs.). **Educação a Distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson, 2012.

FREITAS, M. T. A. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 20-39, jul. 2002.

GARTHON, L.; HAYTHORNTHWAITE, C. e WELLMAN, B. **Studying Online Social Networks**. *Journaul of Computer Mediatel Communication*, n.3, vol 1, 1997. Disponível em <<http://www.ascusc.org/jcmc/vol3/issue1/gaston.html>>. Acesso em 13 de maio de 2017.

JABLONKA, Edyta. **Do emoticon ao meme**: Evolução dos símbolos na comunicação virtual. 2012. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/actas/article/view/15558>. Acesso em 30 de setembro de 2017.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 22.ed. Tradução de Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

KOZINETTS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica on-line. Trad: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed 34, 2010.

LOPES, Hernandes Dias. **Paulo, o maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 151-166.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P et al..(org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. **Expansão pentecostal no Brasil**: o caso da igreja universal. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf>. Acesso em: Novembro de 2017.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

NUNES, Tarcílio Divino. **O crescimento das igrejas neopentecostais no Brasil**: um olhar sobre a política da Igreja Universal. In: Cadernos de Pesquisa do CDHIS, Uberlândia, v. 1, n. 35, p. 127-132, jul. 2006.

PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES Rosângela Hammes. **O conceito de valorção nos estudos do círculo de Bakhtin**: a inter-relação entre ideologia e linguagem. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.

PONZIO, Augusto. Problemas de sintaxe na linguística da escuta. In: BAKHTIN, M.M.; VOLOCHÍNOV, V.N. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 7-57.

_____. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. São Paulo, SP: Contexto, 2008.

POSSENTI, Sírío. **Humor, Língua e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. **Curtir, compartilhar, comentar:** trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. Verso e Reverso (Unisinos. Online), v. 28, p. 114-124, 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2014.28.68.06/4187>.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem do Círculo de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). **Gêneros:** teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SOBRAL, A. U. **Do dialogismo ao gênero:** as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SOUZA, Geraldo T. **Introdução à teoria do enunciado concreto:** do círculo de Bakhtin/Volochinov/Medvedev. 2 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

VARGENS, Renato. **O evangelho da prosperidade**. Campina Grande, PB: Visão Cristã, 2017.

VITÓRIA EM CRISTO. Disponível em: http://www.vitoriaemcristo.org/_gutenweb/_site/gw-prsilas. Acesso em 05 de Dez. 2017.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem:** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. (Do Círculo de Bakhtin). **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

TÁVOLA, Artur da. **A figura da comunicação de Francisco Cândido Xavier**. Reformador, Brasília, n. 2153, p.14-21, ago.2008.

TODOROV, T. **Mikhail Bakhtin – the dialogical principle**, The University of Minnesota Press, 1998.

WAIZBORT, Ricardo. **Dos genes aos memes:** A emergência do replicador cultural. Episteme, Porto Alegre. 2003.